

Alexandre Sebastião Ferrari Soares

**Segunda e Terceira Pessoa -  
O PRONOME POSSESSIVO EM QUESTÃO:  
Uma análise variacionista.**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras. Curso de Pós-Graduação em Lingüística, área de concentração em Lingüística da Língua Portuguesa, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Odete Pereira da Silva Menon.**

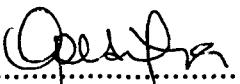

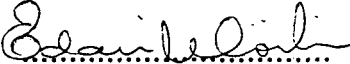
# PARECER

Defesa de dissertação do Mestrando Alexandre Sebastião Ferrari Soares para obtenção do título de **Mestre em Letras**

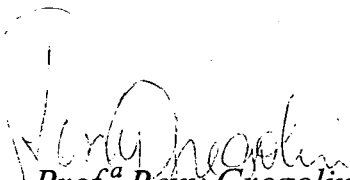
As abaixo assinadas, Odete Pereira da Silva Menon, Iara Bemquerer Costa e Edair maria Gorski, argüiram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

## SEGUNDA E TERCEIRA PESSOA-O PRONOME POSSESSIVO EM QUESTÃO: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA

Procedida a argüição segundo o protocolo aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de *Mestre em Letras* tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	Conceito
Odete Pereira da Silva Menon	 .....	B .....
Iara Bemquerer Costa	 .....	B.....
Edair Maria Gorski	 .....	B.....

Curitiba, 23 de julho de 1999.

  
Prof.ª Reny Gregolin  
COORDENADORA

## AGRADECIMENTOS:

À Orientadora Odete Pereira da Silva Menon por tudo: pela paciência, dedicação, indicação bibliográfica;

À CAPES pela bolsa e ao PICD (Programa de Incentivo à Capacitação Docente);

À UNIOESTE e ao Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas do *Campus* de Marechal Cândido Rondon pela oportunidade de cursar o mestrado;

Aos companheiros do curso: Sueli e Alice (pela amizade (pelos risos), por tanta ajuda e dicas);

Aos Professores: Lígia pela educação, pela atenção dispensada e pelas aulas, Iara pela atenção e pela ajuda com o programa VARBRUL, Reny pelas aulas e ao Professor Édison pelo bom-humor e por todos os desejos de boa sorte.

À Lisiane e ao Felipe pela ajuda com o VARBRUL; à Telma e à Evellyn pelas discussões sobre *posse*.

À Clarice Von Borstel pelas dicas e pela força;

Aos velhos (e sempre) amigos Teresa, Luciana, Maria, D. Teresa, Robson, Zilda, Nanci e Simon, Aline e Renato, Gilmar, Ricardo, Mônica e Narda, Vera e Morgana, Dora, Wilson e Simone, Ana e Anselmo e Marina e João, Sebastian, Íngridi, Gil, Cristina, Zaira, Ivete, Francisco, João Lúcio, Lincon, Tereza, Márcia Coutinho, Marcelo Deby, Ricardo e Marcelo, Marcelo José, Fábio e Márcia e Henry, Gerson, Mauro, Dórean, Alessandro, Renatinho, Sérgio, Rosilda, Elpiniki, Fátima, Ana Maria, Analice e Aleixo, Cris, Cris e Júlia e Antônia, Silvio e Ilse e Ana Letícia, Chico e Inara e Caio,

Isabel e Hudson, José, Marquinhos e Nika, Mano, Orestes, Robi, Neide e Evaldo, Antônio e Bia e Clarice, Léo, Dias e Érika e Elba, Andréa (e Marcelo), Fatinha e Heber e Príncipe, Henrique, Raul, Patrícia e Adriana e Marcelo, Sueli e Neném, Vanessa, Leila, Binha e Júnior e Danny, Tão e Gina, Jorge e Alexandre, Daniele, George e Mônica, Maga, Cátia, Rose, Mesquita, Sandro, Aline, Cláudia, Monalisa, Kátia, Rony, Ronald e Rodrigo por tantas risadas durante este período.

Aos novos amigos Márcio, Marcos, Nanci, Ari e Renato, Sil, Cassiane, Mel, Alexandre, Carlos, Salvador, Daniel, Edson, Silvia, Odir, Cláudia, Martin, Doroth, Alessandro e Daniel, Luís e Sandro, Carla, Jáder, César (Salvador), Fábio, Carlone, Dirceu, André, João Bosco, Evellyn e Rejane, Cláudio, Vinícius, Lu, Edu e Ranieri, Clovis, Plínio e João, Daniel e Alexandre, Claudinho e Jeremias e Algacir, Sandro, Vilmar e Rui, Adriano por me acolherem em algum momento desse trabalho.

## **DEDICATÓRIA:**

Aos pais Helô e Ilton por toda ajuda durante este tempo: por tanta atenção, pelos “pensamentos positivos”, pelo bom-humor e por acreditarem neste trabalho.

À Odete pela competência, seriedade, pelo conhecimento, pela ajuda e pelo bom-humor presente em todos os nossos encontros. Sem ela nada disso teria acontecido.

À Nanci ao João ao Márcio e ao Sebastian pelo companheirismo e por tanta cumplicidade.

## RESUMO

Os pronomes possessivos de segunda e terceira pessoas nos são apresentados, na maioria das gramáticas normativas como se, quando do seu emprego, houvesse apenas uma única regularidade: *teu* e *vosso* para a segunda pessoa e *seu* para a terceira (e as respectivas flexões). Há regularidade quando do emprego desses pronomes na língua oral, porém bastante distinta da apresentada nas gramáticas normativas.

Neste trabalho procura-se descrever o funcionamento dos pronomes possessivos de segunda e terceira pessoas, verificando de que forma os fatores *lingüísticos* (posição do pronome possessivo no sintagma nominal, identificação do referente e o valor semântico do possessivo) e *extralingüísticos* (tais como *idade*, *sexo*, *escolaridade* e *etnia*) estariam condicionando o uso, na língua oral, dos pronomes em estudo, com base na observação do *corpus* do banco de dados do VARSUL em quatro cidades do Paraná: Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco. Apresenta-se, neste trabalho, o resultado da observação desses fatores em relação ao uso efetivo desses pronomes. As formas pronominais possessivas correspondentes à segunda pessoa são: *teu*, *seu*, *de você* e *do senhor* e para a terceira, *seu* e *dele* e as respectivas flexões, algumas mais favorecidas que outras pelos fatores *lingüísticos* e *extralingüísticos* observados neste *corpus*. Dentre os fatores mais significativos, temos então, para com os pronomes de segunda pessoa: com o possessivo *teu*, como ambientes favoráveis, aqueles em que os informantes eram da primeira faixa etária com formação correspondente ao segundo grau; *seu* (2ª pessoa), no geral, foi mais utilizado pelos informantes da segunda faixa etária com formação correspondente ao primário; para com os pronomes de terceira pessoa: *dele* foi usado, no geral, com referentes

determinados e específicos e teve o uso favorecido, entre outros fatores, na cidade colonizada por mineiros e paulistas; *seu* (3ª pessoa) foi usado, de forma geral, com referentes indeterminados, no sintagma nominal a sua posição, quase que de maneira absoluta, foi anteposta ao substantivo.

## ABSTRACT

The possessive pronouns from the second and third persons are introduced, in most of the normative grammar as if, when of their uses, as there was only one regularity: *teu* and *vosso* for the second person and *seu* for the third (and the respective inflections). There is a regularity when of their uses in the oral language, but very distinct from the ones presented in the normative grammar.

This paper searches for describing the functioning of possessive pronouns from the second and third persons, verifying which forms the linguistic factors (position of the possessive pronoun in the nominal sintagma, identification of the referent and the semantic value of the possessive) and extralinguistics (such as age, sex, schooling and ethnic) would be conditioning the use, in the oral language, from the pronouns in study, based on the observation of the corpus from VARSUL's database in four cities of Paraná: Curitiba, Irati, Londrina and Pato Branco. Presenting in this paper, the result of observation of those factors in relation to the effective use of the possessive pronouns. The possessive pronoun forms corresponding to the second person are: *teu*, *seu*, *de você*, and *do senhor*, and for the third, *seu* and *dele* and the respective inflections, some more favored than others by the linguistic and extralinguistics factors observed in this corpus. Among the most significant factors, then we have, towards the second person's pronouns, with the possessive *teu*, as favorable atmospheres, among other factors, from the first age group with formation corresponding to the second degree; *seu* (2nd person), in general, by the second age group; towards the third person's pronouns: *dele* was used, in general, with certain and specific referents and had its uses favored, among other factors; *seu* (3rd person) was used, in a

general way, With uncertain references, in the nominal sintagma for its position, almost in an absolute way, it was put before the noun.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>01</b>
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA</b>	<b>05</b>
2.1 A gramática normativa e o emprego do pronome possessivo de 2. <sup>a</sup> e 3. <sup>a</sup> pessoas	30
2.2 O valor semântico dos possessivos	37
2.3 As diversas relações expressas	44
2.3.1 Objetivos	46
<b>3. AMOSTRA E METODOLOGIA</b>	<b>47</b>
3.1 Composição do <i>corpus</i> e os critérios de seleção dos dados	47
3.2 Sobre o Projeto VARSUL: sobre o <i>corpus</i> de essa pesquisa	47
3.3 Codificação dos dados	49
3.3.1 Seleção dos dados	51
3.3.2 Sobre a primeira rodada dos dados	55
3.3.3 Sobre as demais rodadas dos dados	58
3.3.4 Codificação do valor semântico do possessivo	60
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>63</b>
<b>4.1 SÍNTESE DOS RESULTADOS</b>	<b>93</b>
<b>5. CONCLUSÃO</b>	<b>96</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>99</b>

## LISTA DE QUADROS

### 1. Quadros

1.1 QUADRO 1 - Distribuição dos Pronomes Possessivos	18
1.1 QUADRO 1T – Formas Possessivas no Português padrão. Perini 1985	21
1.2 QUADRO 2T - Os pronomes possessivos do português coloquial/padrão. Perini 1985	21
1.3 QUADRO 3T- Sistema dos possessivos do português coloquial. Perini 1985	22
1.4 QUADRO 4T – Ocorrências das diversas formas possessivas no <i>corpus</i> mínimo – 2ª pessoa singular/plural	26
1.5 QUADRO 5T- SILVA 1984 – frequência geral de aplicação da forma <i>dele</i> . Diferença entre o <i>corpus</i> escrito e o oral	28
1.6 QUADRO 6T – Ocorrência da forma <i>dele</i> nos vários <i>corpora</i> escrito	28
1.7 QUADRO 7T – Pronomes Possessivos, Bechara 1993	31
1.8 QUADRO 8T – Pronome Possessivo – Cunha & Cintra 1985	35
1.9 QUADRO 1A – Distribuição dos pronomes de terceira pessoa no <i>corpus</i>	63
1.10 QUADRO 2A – Distribuição dos pronomes de segunda pessoa no <i>corpus</i>	65
1.11 QUADRO 3A – Fator Localidade e os pronomes de segunda pessoa <i>seu/teu</i>	66
1.12 QUADRO 3B – Fator Localidade e os pronomes de terceira pessoa <i>seu/dele</i>	70
1.13 QUADRO 4A – Fator Faixa Etária do informante e os pronomes de segunda pessoa <i>seu/teu</i>	72
1.14 QUADRO 4B – Fator Faixa Etária do informante e os pronomes de terceira pessoa <i>seu/dele</i>	73
1.15 QUADRO 5A – Fator Sexo do informante e os pronomes de segunda pessoa <i>seu/teu</i>	74
1.16 QUADRO 5B – Fator Sexo do informante e os pronomes de terceira pessoa <i>seu/dele</i>	75
1.17 QUADRO 6A – Fator Grau de Escolarização do informante e os pronomes de segunda pessoa <i>seu/teu</i>	76
1.18 QUADRO 6B - Fator Grau de Escolarização do informante e os pronomes de terceira pessoa <i>seu/dele</i>	77
1.19 QUADRO 7A – Fator Retomada do Referente e os pronomes de segunda pessoa <i>seu/teu</i>	78

1.20 QUADRO 7B – Fator Retomada do Referente e os pronomes de terceira pessoa <i>seu/dele</i>	79
1.21 QUADRO 8A – Fator Posição do pronome no SN e os pronomes de Segunda pessoa <i>seu/teu</i>	81
1.22 QUADRO 8B – Fator Posição do pronome no SN e os pronomes de terceira pessoa <i>seu/dele</i>	84
1.23 QUADRO 9A – Fator Valor do possessivo do informante e os pronomes de segunda pessoa <i>seu/teu</i>	88
1.24 QUADRO 9B – Fator Valor do possessivo do informante e os pronomes de terceira pessoa <i>seu/dele</i>	90

## 1. INTRODUÇÃO

O olhar de algumas tendências lingüísticas, nas últimas décadas, tem-se fixado ora na abordagem formal da língua, ora na abordagem funcional, caracterizada em termos de ser orientada para os fenômenos lingüísticos em si:

e tem como objetivo científico descrever e explicar os próprios fenômenos lingüísticos e não a formulação de constructos teóricos e analíticos (SILVA E SCHERRE - 1996)

DU BOIS (1985, *apud* SILVA & SCHERRE, 1996: 42) classifica aquelas posições como sendo bastante radicais. E propõe uma visão teórica que as concilie, denominada *funcionalismo moderado*, que reconheça a existência de forças internas e externas atuando sobre a língua e que a considere como sistema adaptativo, cujo funcionamento é regido por forças internas em competição, forças externas igualmente em competição e forças internas e externas em competição entre si, que mais cedo ou mais tarde caminham para uma resolução.

É nesse contexto que esta pesquisa se insere: observar a língua como um sistema heterogêneo, no sentido de buscar equilíbrio a partir das transformações que ocorrem no sistema lingüístico. A proposta deste trabalho é a descrição de uma parte das transformações que ocorrem neste sistema: descrever o funcionamento dos possessivos de 2ª e 3ª pessoas (em quatro cidades do Paraná) a partir de uma análise *variacionista* ou quantitativa, seguindo o modelo de Labov, ou seja, observar a fala, não a

metalinguagem ou os recortes soltos e descontextualizados, mas os enunciados produzidos em circunstâncias concretas - a língua falada e a sua relação com as variáveis sociais<sup>1</sup>; descrever as transformações do sistema para compreender os princípios que regem a organização da gramática da língua falada e o modo como o falante se apropria da língua.

Muitos aspectos<sup>2</sup>, em se tratando do registro oral/escrito da língua em uso, não são considerados nas normas estabelecidas, para esta mesma língua, nas gramáticas normativas<sup>3</sup> (doravante GN), salvo raríssimas exceções<sup>4</sup>. Estas ou generalizam as situações ou simplesmente as ignoram como se elas não existissem: um meio de não explicá-las.

Quando generalizam tornam os aspectos generalizados, de alguma forma, menos importantes, visto que a GN é uma importante referência pela descrição realizada do uso funcional da língua.

Uma dessas generalizações efetuadas pela GN, se dá quando da descrição do uso dos *Pronomes Possessivos*, especialmente os de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas, visto que aspectos bem particulares permeiam o uso deles.

Nas gramáticas normativas o que se tem sobre o emprego dos pronomes possessivos de segunda e terceira pessoas são regras preestabelecidas, baseadas na gramática latina, para *o bom uso da língua*, ou seja, encontramos como se deve e como não se deve usar (certo e errado), na língua escrita, referência para a falada, esses pronomes.

---

<sup>1</sup> Grau de escolarização, sexo, idade, etnia etc.

<sup>2</sup> Encontra-se com frequência nas gramáticas tradicionais uma classificação das funções sintáticas segundo a qual algumas seriam "essenciais", outras "integrantes", outras "acessórias", o que significa dizer que os termos *essenciais* teriam que estar presentes em qualquer oração; os *integrantes* seriam, em certos casos, exigidos por algum outro elemento da oração; e os *acessórios* não seriam em nada importantes para o sentido da oração (como se vê, a definição tende a ser em parte semântica). A aceitarmos essa definição, o único termo essencial seria o *predicado*. Perini, 1995.

<sup>3</sup> Livros didáticos, manuais com propostas de eliminação de possíveis "erros" etc.

<sup>4</sup> No subitem, desta pesquisa, A gramática Normativa e o emprego do pronome possessivo de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas faço o levantamento, em algumas gramáticas normativas, das informações sobre os possessivos.

Porém qualquer explicação criteriosa em relação ao emprego desses pronomes, ou alguma referência, pelo menos, que permita a compreensão deles em alguns casos, por exemplo, não são encontradas.

As formas canônicas e reconhecidas pelas GN, dos pronomes possessivos de segunda pessoa são *teu* (e flexões), que se relaciona com tu, *vosso* (e flexões) que relaciona-se com vós e para a terceira pessoa *seu* (e flexões) que relaciona-se com *ele, ela, eles, elas*.

Mas o que se percebe, na fala e na escrita, é que há outras “formas” utilizadas para os possessivos<sup>5</sup> de segunda e terceira pessoa, porém elas simplesmente são ignoradas como variantes desses pronomes nas gramáticas normativas.

A GN não dá, ao falante/escrevente, com as generalizações que faz a respeito do emprego dos possessivos, possibilidades para que se compreenda o funcionamento desses pronomes na língua. Um exemplo de lacuna estabelecida entre a *teoria que explica* e a *prática do emprego* em relação aos pronomes, seriam, como ilustração, as ambigüidades que surgem quando do uso da variante<sup>6</sup> *seu* (e flexões), pronome canônico de terceira pessoa e a utilização dessa variante, na língua oral e escrita, também como pronome de segunda.

A língua está em constante mutação e acompanhar esse movimento de perto talvez não caiba como uma das funções da GN, mas se, como já mencionei, temos como importante referência de trabalho descritivo da língua escrita a GN, é fundamental que os FATOS sejam abordados nela.

---

<sup>5</sup> O termo possessivo é também usado nesta pesquisa de forma mais usual e ampla como em pronome possessivo, forma possessiva, etc.

<sup>6</sup> A variação estilística pressupõe a possibilidade de opção de dizer o mesmo de diversas maneiras, isto é, as variantes são idênticas em seu valor referencial ou de verdade, porém opostas em sua significação social e/ou expressiva. (LABOV, 1983, p. 338)

Variante: se duas unidades lingüísticas figuram no mesmo ambiente e se elas podem ser substituídas uma pela a outra sem que haja uma diferença no sentido denotativo da palavra ou frase, então os dois fonemas ou os dois morfemas são variantes. (DUBOIS 1991:p. 609)

Os professores de língua portuguesa necessitam de, para melhor compreenderem o seu instrumento de trabalho, pesquisas que direcionem o seu olhar para a descrição da língua, e dessa forma, eles possam, então, *apropriando-se* desses fatos, socializá-los em sala de aula.

## **2. REVISÃO DA LITERATURA**

A expressão da *posse*, na modalidade oral do português brasileiro contemporâneo se dá de diversas maneiras, "já que entram em jogo dois referentes, o possuidor e o possuído" (MONTEIRO, 1994: 205).

Para os pronomes de 2ª e 3ª pessoa essa diversificação se dá de maneira peculiar por alguns motivos: uma possível ambigüidade com o pronome possessivo *seu* (3ª pessoa); a introdução do pronome *você* de segunda pessoa (sem a formalidade do pronome de tratamento de origem, *Vossa Mercê*, mas utilizado no tratamento informal e direto ao interlocutor), praticamente substituindo o pronome *tu*, com exceção de alguns dialetos; a arcaização do pronome *vós*, desaparecendo igualmente as formas *vosso(s)* e *vossa(s)*; o uso da forma possessiva *dele* substituindo o pronome *seu* (3ª) por conta da grande ambigüidade deste pronome, que afeta tanto a recuperação da pessoa do referente (por ser usado tanto como possessivo de terceira quanto de segunda pessoa) quanto o gênero e o número deste, contrapondo-se à univocidade da forma *dele* que exhibe o gênero e o número do possuidor, fornecendo instrução mais específica para a sua recuperação (NEVES, 1993: 159); a especialização de algumas formas, por exemplo a forma *seu* (generalizando o possuidor - retoma, em geral, sintagmas nominais genéricos) e a forma *dele* (especificando o possuidor - tendência a retomar sintagmas nominais referenciais).

Portanto é importante observar o que vem sendo estudado em relação ao uso dos pronomes possessivos no registro oral (e escrito também) para que esses trabalhos auxiliem na observação do funcionamento dos pronomes possessivos de segunda e terceira pessoa na língua oral.

Proponho neste capítulo, a partir das *informações* apontadas nos vários textos utilizados na fundamentação teórica desta pesquisa, verificar,

primeiramente, a transformação ocorrida no paradigma dos pronomes e a consequência dessa transformação no subsistema dos pronomes possessivos, em princípio, as ocorridas com os pronomes possessivos de segunda pessoa e, posteriormente, as ocorridas com os pronomes possessivos de terceira pessoa.

Em seguida apresento um quadro informativo, com base nas regras propostas em algumas Gramáticas Normativas, para o uso, na língua escrita, dos pronomes em questão.

MONTEIRO (1994) faz uma análise abrangente sobre o sistema de pronomes pessoais da língua portuguesa. O autor utiliza um *corpus* de sessenta inquéritos do Projeto NURC (Norma Urbana Culta do Brasil), cerca de cinco mil dados<sup>7</sup> de fala de cinco capitais brasileiras<sup>8</sup> e apresenta, a partir dessa análise, as alterações ocorridas no sistema. Por exemplo, com a introdução das formas *ocê*, *ocês* e *a gente*, quando usadas em vez de *tu*, *vós* e *nós*, naturalmente torna desnecessárias as desinências /-s/, /-des/ e /mos/, reduzindo-se as flexões número pessoais a apenas duas ou três.

O autor retrata o uso, a reestruturação do sistema e a colocação dos pronomes possessivos na capitais estudadas.

E sobre o uso dos possessivos SILVA (1982) e MONTEIRO (1994) dizem que o esquema de uso dos possessivos é bastante complexo, visto que entram em jogo dois referentes, o *possuidor* e o *possuído*. Daí, a possibilidade de várias combinações entre o número semântico do *possuidor* e do *possuído* e a forma distributiva ou coletiva com que se estabelece a relação de posse.

O possessivo diz respeito a mais de uma pessoa: nosso(s) pode referir-se, por exemplo, ao falante e ouvinte(s), ao falante e uma outra pessoa ou ao falante, ouvinte(s) e outra(s) pessoa(s). Além disso, conforme perceberam os teóricos

---

<sup>7</sup> Número total de ocorrências utilizado pelo autor: Monteiro trabalha com todas as subclasses dos pronomes, e não apenas com os possessivos.

<sup>8</sup> Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

transformacionalistas, uma mesma estrutura superficial pode refletir diferentes estruturas profundas: *o meu livro* tanto pode ser o livro que estou usando como o livro que me pertence ou ainda o livro que escrevi etc. (MONTEIRO, 1994: 205)

SILVA afirma que, com a introdução da forma *você* no sistema pronominal do português, por volta do século XVII, ocorreu uma convulsão nesse sistema. A autora nos apresenta como se dá a concordância da forma *ocê*:

A forma *você* concorda morfologicamente com a 3ª pessoa gramatical, enquanto *tu* tem morfema especial de 2ª pessoa. Os morfemas para a 2ª pessoa se misturam pois. Junto com os sujeitos também houve a intromissão dos possessivos.

É possível afirmar que ao lado da forma canônica de segunda pessoa, com desinências específicas - como o faz SILVA (1982), haja também um morfema número-pessoal zero usado para concordar com *tu/você* (MONTEIRO, 1994: 153), portanto não há mistura de morfemas, mas uma neutralização.

MONTEIRO acrescenta que:

Há formas possessivas em que a ambigüidade é mais corrente ainda: o pronome *seu(s)* se emprega para o ouvinte, para uma terceira pessoa definida ou, genericamente, para qualquer pessoa, em combinação com os possíveis sentidos de posse distributiva ou coletiva.

E conclui que:

Essa complexidade é responsável em parte pela introdução de expressões genitivas (*dele, de vocês* etc) que estão modificando **profundamente** o quadro dos possessivos. (MONTEIRO, 1994: 205)

A língua é um sistema em constante mutação, isso significa que quando há qualquer mudança em uma parte desse sistema, essas transformações podem provocar alterações em outras áreas.

Foi o que ocorreu com o paradigma dos pronomes sujeito da segunda pessoa, com o par *você/vocês* para fazer referência à segunda pessoa, substituindo *tu/vós* (MENON, 1996: 90). E como consequência disso os subsistemas dos pronomes objeto<sup>9</sup> e dos possessivos também foram afetados.

As *expressões genitivas*<sup>10</sup> especificamente a forma *dele*<sup>11</sup> e mais tarde a expressão *de você*<sup>12</sup> não representava a propriedade semântica de posse, quando do início do seu emprego. Conforme MENON (1996) a interpretação mais provável para *delles* é a de uma retomada anafórica<sup>13</sup> de um referente mencionado anteriormente:

Em seguida, como esse emprego anafórico de *dele* permitia receber uma interpretação possessiva, em função de corresponder ao modelo de uma retomada pronominal do antecedente como, por exemplo, de *de Pedro* (...) os falantes provavelmente passaram a atribuir a idéia de posse à construção que em princípio era anafórica - interpretada como posse - teria sido "sentida" como redundante. (...) A construção "dupla" seria, então estigmatizada e *seu* e *dele* começariam a ocorrer desvinculados. (MENON, 1996: 94)

É possível que o uso da forma *dele* (e flexões) tenha sido uma estratégia para se evitar o uso de *seu* (e flexões), quando ocorria mais de um referente possível, como se pode observar no exemplo (1)<sup>14</sup> abaixo:

(1) Márcio, encontrei o Edson com a *sua* namorada.

<sup>9</sup> Para maiores informações sobre as consequências no subsistema dos pronomes objeto, ver MENON, 1996.

<sup>10</sup> Expressões genitivas são as que exprimem num sintagma nominal uma relação de posse: "O livro de Pedro", "de Pedro" "O livro dele" (de + nome/pronome).

<sup>11</sup> Detenho-me apenas às expressões genitivas de segunda e terceira pessoa.

<sup>12</sup> Exemplificarei mais tarde quando tratar dos pronomes de segunda pessoa.

<sup>13</sup> Não tratarei aqui desse assunto, maiores detalhes ver MENON, 1996.

que poderia significar tanto que a namorada (possuído) é de Márcio (possuidor) quanto de Edson (possuidor). A estratégia seria o genitivo *dele* substituir o pronome seu, e assim desambigüizar o enunciado, como exemplificado em (1a):

(1a) Márcio, encontrei o Edson com a namorada *dele*.

DIAS (1953, *apud* SILVA 1982) comenta que parece bastante plausível a hipótese de que a forma *dele* tenha sido introduzida através da construção pleonástica *seu...d'elle*, por conta de haver alguma dificuldade para identificar a pessoa do referente do pronome *seu*. Esta ocorrência é apontada por vários gramáticos/filólogos como opção para evitar a ambigüidade provocada pelo pronome *seu*. Dias cita autores portugueses e brasileiros que faziam uso da forma *dele* no português arcaico.

DIAS (1953) afirma:

Para obviar á confusão que traz o pro.possessivo de 3ª pess., com respeito aos generos e numeros, juntam-se, sobretudo na linguagem familiar, as expressões: d'elle, d'ella, d'elles, d'ellas, ou se substituem os pronomes possessivos por estas expressões.

Para o português coloquial atual essa construção me parece bastante rara, e até não-produtiva, apesar de as gramáticas normativas considerarem a forma pleonástica *seu...dele* usual, no caso de haver ambigüidade. Não considero que o exemplo abaixo:

---

<sup>14</sup> A numeração, dos exemplos, segue em ordem crescente, independente de ser ou não citação de algum autor ou exemplo do *corpus* dessa pesquisa, porém quando o exemplo for uma citação, à numeração será

(2) Nós estamos vivendo ainda o problema então torna-se um pouco difícil a sua análise **dele**.

seja de uso corrente no português, mesmo intencionalizando com o uso pleonástico *seu/dele* desambigüizar o enunciado.

Estas ocorrências não são novas na língua, mas, ao contrário do que (não) se lê na maioria das gramáticas normativas, é um fato que há muito se vê aplicado na língua escrita.

Na língua oral, alguns autores, entre eles SILVA (1982), acreditam que é bem possível que um outro recurso seja utilizado, como por exemplo a *mistura de tratamentos* para desfazer a ambigüidade. Mas, sobre a organização dos sintagmas possessivos no português brasileiro atual, acredito que seja determinada pelas necessidades da comunicação e não por princípios sintáticos. Ou seja, equivale a dizer que há traços na estrutura da língua cujo aparecimento não se pode explicar exclusivamente em termos *internos* – *mistura de tratamentos*, mas que têm de ser explicados lançando mão de fatores extralingüísticos - neste caso, a necessidade de preencher lacunas semânticas com formas convenientes, de evitar ambigüidades - condenada pela GN-, que consiste em utilizar o sujeito *você* acompanhado do caso objeto *te*, como poderemos observar nos exemplos (3) e (3a) que se seguem:

(3) Você quer que Marcos *o* encontre hoje no seu carro?

(3a) Você quer que o Marcos *te* encontre hoje no seu carro?

E em relação ao *seu*, a substituição pela forma genitiva *dele*, o exemplo (3b) abaixo serve como ilustração:

---

acrescentada a seguinte observação: “exemplo do autor”.

(3b) Você quer que o Marcos te encontre hoje no carro *dele*?

MONTEIRO (1994: p. 206). nos mostra que os seus dados sugeriram entre outras coisas que a forma *dele* é bem aceita na norma culta como alternativa para a referência à terceira pessoa, a par de *seu*. E quanto às outras expressões genitivas<sup>15</sup>, as frequências são relativamente baixas no *corpus* analisado: “*de você(s)* ocorre muito pouco em vez de *teu(s)* ou *seu(s)*”

É possível que a baixa ocorrência da expressão genitiva *de você(s)* no *corpus* analisado por MONTEIRO se deva ao tipo de estratégia utilizada pelo Projeto NURC para a verificação das ocorrências das formas pronominais possessivas de segunda pessoa. Porém é apenas uma suposição a partir do meu conhecimento sobre este projeto<sup>16</sup>.

Para que a expressão genitiva *de você(s)* ocorra é fundamental que ocorram muitos diálogos e mais de um interlocutor ou de um locutor se dirigindo a vários ouvintes (MENON, 1996: 98).

Ainda sobre a reestruturação do sistema dos possessivos MONTEIRO diz que a primeira ruptura do sistema consistiu na disseminação da forma *dele* por *seu*, em virtude de pelo menos três tipos de ambigüidade: em primeiro lugar, a relacionada com a pessoa do referente, já que com *seu* o referente tanto pode ser da segunda como da terceira pessoa; em seguida, a ligada ao número gramatical, uma vez que *seu* tanto serve para a segunda e terceira pessoa do singular quanto para as do plural; e finalmente a terceira, provocada pela existência de dois referentes, ambos de terceira pessoa e ambos possíveis possuidores.

Ainda segundo MONTEIRO a tentativa de desfazer a duplicidade de sentido através do emprego de *dele* não parece constituir um fenômeno de

<sup>15</sup> A outra forma genitiva a que MONTEIRO se refere é a *da gente*, mas para o meu estudo só me detenho às formas de segunda e terceira pessoa.

inovação brasileira, pois há muito, conforme documenta MEIER (1946, 1948 *apud* SILVA E SCHERRE 1996: 176), é freqüente no português arcaico.

LOBO (1939) faz referência em sua gramática sobre à possibilidade de se substituir o pronome possessivo *seu, sua, seus e suas* **pelo genitivo do pronome pessoal da 3ª pessoa - *dele, dela, deles e delas***. E cita autores portugueses e brasileiros, tais como Machado de Assis, Júlio Dinis, Francisco de Castro, Mário Barreto e Almeida Garret, como exemplos dessa utilização.

O autor concebe a língua portuguesa, muitos gramáticos ainda o fazem, como sendo uma língua de casos, como o Latim (nominativo, acusativo, ablativo, genitivo, dativo e vocativo), para justificar a presença da forma genitiva, neste caso, *dele* (e flexões) substituindo, por força da ambigüidade, o pronome *seu* (e flexões).

Apesar dessa tentativa de buscar explicação apelando para os *casos latinos* Lobo, diferente da maioria dos gramáticos atuais<sup>17</sup>, - talvez por força do tempo esteja mais preso aos princípios latinos, - em todo o caso, reconhece que a expressão genitiva esteja presente na situação descrita por ele e confirmada, na prática do uso, dos *mais renomados autores de língua portuguesa*.

MENON (1996: 96-97) mostra que com a generalização do padrão *preposição + pronome* ocorreu uma regularização do paradigma do possessivo, com as novas formas:

---

<sup>16</sup> Para maiores informações sobre o Projeto NURC ver Castilho & Preti (1986).

<sup>17</sup> A visão normativa sobre os pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoa, tratarei mais tarde no subitem "A Gramática Normativa e o Emprego dos Pronomes Possessivos de 2ª e 3ª pessoa.

Com a gramaticalização de *Vossa Mercê* como pronome de segunda pessoa *você(s)*: no plural em substituição ao *vós*; no singular em alternância com *tu* ou como única forma de representar a 2ª pessoa, e de *a gente* como pronome indeterminador, primeiro; depois como pronome de primeira pessoa, do plural e do singular, efetuou-se a generalização do padrão [preposição de + pronome]: *de você(s)/da gente*. Teríamos obtido, então, uma regularização do paradigma possessivo, com as novas formas: (sg.) *da gente*; *de você*; *dele*; (pl.) *da gente*; *de vocês*; *deles*. (MENON, 1996: 96-97).

MENON (1995) exemplifica, então, para demonstrar o quanto essas expressões estão sendo usadas, na língua escrita/oral, paralelamente as formas canônicas dos possessivos correspondentes:

(4) **Este jornal é teu?/ seu?/ do(s) senhor(es)? de vocês?/ de você?/ da gente?**  
(exemplo e grifo da autora).

A autora menciona, também, que *novas* formas de possessivos parecem sofrer certas restrições - *de mim*, *de nós* - embora já se comece a flagrar pessoas que as utilizem na língua oral.

Segundo MENON (1996), em determinado período da língua teriam coexistido duas expressões de *mesmo conteúdo*, o que contrariaria a tendência dos sistemas lingüísticos: duas expressões com exatamente a mesma referência parece não serem admitidas por nenhuma língua. Segundo a autora o falante procede, então, eliminando uma das duas variantes ou redistribuindo a função dentro do sistema.

Sobre a redistribuição dentro do sistema, NEGRÃO & MÜLLER (1994: 19) defendem que as formas *seu/dele* não podem ser caracterizadas como uma substituição de formas decorrente do desaparecimento de uma delas, mas são um caso de coexistência de formas no sistema pronominal do Português do Brasil, com uma especialização no uso de cada uma delas.

O que não significa que não tenha ocorrido mudança no paradigma, visto que, é importante ressaltar, para haver especialização no uso das

formas, é preciso que, em algum momento, elas tenham estado em situação de concorrência (MENON, 1996: 96).

MÜLLER (1997) conclui também pela especialização entre as formas possessivas *seu/dele* e seus antecedentes e verifica que o *seu* é utilizado para a retomada de antecedentes não referenciais (genéricos e quantitativos) e *dele* para a retomada de antecedentes referenciais.

(5) Embora eles sejam de times contrário...eles...**cada um** torce para o **seu**.

(6) **O telegrama comum** vai perder toda a **sua** importância diante do telefone, não é?

(7) **O cidadão**...não adianta...quer ir a um clube e não pode que ir fazer uma viagem e não pode...principalmente que...em se falando de viagem existem outros problemas piores...é o medo...de um bandido...de um desgraçado...acabar com a vida da família **dele** num desastre...numa estrada.

(Exemplos e grifos da autora)

A complexidade que se percebe, através desses estudos, do funcionamento dos pronomes possessivos de terceira pessoa, a partir da disseminação da forma *dele* por *seu* e o uso que se faz desses pronomes, na língua oral, nos permite questionar, aqui, quais fatores lingüísticos/extralingüísticos estão *possibilitando* a utilização que o falante faz deles? Em que ambiente lingüístico ocorre a especialização das formas *seu/dele*?

Sobre o fator extralingüístico *grau de escolarização do informante* e uso das duas formas possessivas *dele/seu* 3ª pessoa há algumas evidências: é sabido que o grau de escolarização (SILVA, 1982), não interferiu quantitativamente na escolha entre as duas formas. Esta autora compara graus de escolarização bem distantes - informantes em vias de alfabetização (MOBRAL)<sup>18</sup> e estudantes universitários - e chega à conclusão de que o

<sup>18</sup> Movimento Brasileiro de Alfabetização.

nível cultural não influencia na escolha de um e outro dos pronomes possessivos de 3ª pessoa.

Com relação aos pronomes possessivos de segunda pessoa, retomo alguns aspectos importantes em relação ao emprego desses pronomes na língua oral e escrita:

Em alguns dialetos, parece ser a forma *seu* a empregada com mais frequência; noutros, como parece ser o caso do dialeto curitibano, há o mesmo tipo de relação que mencionado acima para os POBJ: na situação de comunicação, o interlocutor é que vai determinar qual o pronome a ser empregado. Se as relações de intimidade/não-intimidade, de um lado, e de poder, de outro, determinam as formas de tratamento formal/informal (*o senhor/você*), vão também ser fatores de decisão no emprego dos possessivos (*teu/seu*) que manifestem, de alguma forma que, mesmo o falante utilizando *você*, existe algum tipo de cerceamento da intimidade. Por exemplo:

Se eu me dirigir a alguém que conheço, (a quem trate por *você* mas com quem não tenha intimidade), cuja mãe esteja doente, vou perguntar:

—Como vai *sua* mãe?

Logo em seguida, poderei dizer, com toda a naturalidade:

—O *teu* carro está consumindo muito?

(MENON, 1995)

Por outro lado na cidade do Rio de Janeiro, como afirma SILVA, a forma *você*, que originou-se de *vossa mercê*, bastante formal, ficava ao lado, conforme ia perdendo parte do seu formalismo, da forma *tu*:

ao mesmo tempo que perdia algumas sílabas (*vossa-mercê*⇒*vosmicê*⇒*vancê*⇒*você*) perdia parte de seu formalismo, ficando ao lado da forma *tu*, a qual, em algumas regiões do Brasil, particularmente do Rio de Janeiro, acabou por desbançar. (SILVA & SCHERRE, 1996: 172)

De acordo com as citações acima em relação ao grau de formalidade/informalidade dos possessivos de segunda pessoa é importante observar que o falante, a partir da necessidade comunicativa, é quem faz,

mediante o seu interlocutor a escolha da forma adequada de acordo com a proximidade ou distanciamento que mantenha em relação ao outro: de um lado *seu e vocês* (com grau de formalidade mais acentuado<sup>19</sup>) e do outro *teu e você*, menos formais.

A GN<sup>20</sup> tem se empenhado em afirmar que a forma pronominal *você* tem certa particularidade: apesar de ser pronome de segunda pessoa a concordância verbal é idêntica à da terceira pessoa, e dessa forma concluiríamos, portanto, que essa especificidade do pronome tenha causado, então, mais instabilidade no paradigma dos pronomes possessivos.

Acredito, ao contrário do que afirma a GN, em que ao lado da forma canônica de segunda pessoa, com desinências específicas, coexiste uma forma verbal não-marcada simplificando enormemente o esquema da conjugação, que, por exemplo, concordaria com o pronome *você* e também com o pronome *tu*, em determinadas situações, descritas a seguir.

A Gramática Normativa postula que os pronomes de tratamento devem concordar com os verbos na terceira pessoa, e se esquecem que, na verdade, a concordância é do verbo com o sujeito e não do sujeito com o verbo. Em contrapartida o falante não modifica o pronome isoladamente, mas sim dentro de enunciados (MENON, 1996:90): a linguagem é funcional na medida em que se organiza de maneira a atender às necessidades de suas funções comunicativas.

Retomo aqui a citação de SILVA & SCHERRE como contraponto à colocação de MENON.

SILVA & SCHERRE (1996:172) a respeito do pronome *você* dizem:

---

<sup>19</sup> Ver páginas 23-24, dessa pesquisa. E para maiores detalhes ver KATO 1985: 116-119

<sup>20</sup> CUNHA & CINTRA, Evanildo BECHARA, Luís Antônio SACCONI entre outros.

A forma  *você*  concorda morfológicamente com a 3ª pessoa gramatical, enquanto  *tu*  tem morfema especial de 2ª pessoa. Os morfemas para a 2ª pessoa se  *misturam*  pois. Junto com os sujeitos também houve a intromissão dos possessivos. Isto é, a forma  *você* , de 3ª pessoa morfológica (e 2ª semântica), tem como possessivo a forma  *seu* . Mas este último é teoricamente, pela norma, o possessivo correspondente à 3ª pessoa semântica (ele/ela). Vê-se que a forma  *seu*  ficou ambígua.

Um fato interessante que cabe aqui após as duas visões distintas a respeito da concordância morfológica do pronome  *você*  seria observar a concordância, morfológica, da forma  *a gente* , por exemplo, substituindo  *nós* . Essa forma, de acordo com a argumentação de SILVA, poderia concordar morfológicamente também com a terceira pessoa?

A explicação do morfema número-pessoal zero é a mais cabível nestes casos, pois desta forma seria bastante razoável perceber a igualdade morfológica de alguns tempos verbais, como os imperfeitos, em que as três pessoas do singular têm morfema número-pessoal zero:

Eu cantava  
 Você cantava  
 Ele cantava  
 Nós cantávamos  
 Vocês cantavam  
 Eles cantavam

A forma  *a gente* , primeira pessoa do plural/singular, também compartilharia desse mesma situação, ou seja, morfema número-pessoal zero. Abaixo poderemos observar a igualdade morfológica do Pretérito Imperfeito do Indicativo na língua oral com  *a gente*  substituindo  *nós* :

- (8) **Eu era** bem pequeno quando o homem pisou na lua.  
 (9) **Tu**<sup>21</sup> **era** bem pequeno quando o homem pisou na lua.  
 (10) **Ele era** bem pequeno quando o homem pisou na lua.  
 (11) **A gente era** bem pequeno quando o homem pisou na lua.

MONTEIRO (1994) diz que com a extinção dos pronomes *vós* e *vos*, desapareceram igualmente as formas *vosso(s)* e *vossa(s)*. A entrada de *vocês*, para ocupar a lacuna deixada pelo desuso dos pronomes reto e oblíquo, acarretou um sério desequilíbrio no paradigma dos pronomes:

A função semântico-pragmática, remetendo à segunda pessoa do referente, destoa da morfossintaxe do verbo, que se mantém na terceira pessoa; ao mesmo tempo que as desinências verbais antes associadas a *vós*, se tornaram obsoletas. A extinção de *vosso(s)* e *vossa(s)* rompeu analogamente a simetria do sistema dos possessivos, que passou a lançar mão de processos analíticos como a expressão genitiva *de vocês*.

Ao contrário da interpretação de MENON (1996), MONTEIRO (1994: 207), em relação às desinências verbais, considera que o morfema número-pessoal tenha a marca de terceira pessoa. Mas, ao mencionar que as desinências verbais associadas a *vós* se arcaizaram, interage com a idéia de que os pronomes não foram modificados isoladamente de seus enunciados.

O quadro abaixo, MONTEIRO (1994), apresenta a distribuição dos pronomes possessivos na amostragem dele.

---

<sup>21</sup> A ocorrência de *Tu era* –(em Porto Alegre, por exemplo), forma não-marcada - traduz exatamente o que chamamos de morfema número-pessoal zero, presente na língua oral.

QUADRO 1 - Distribuição dos Pronomes Possessivos		
Possessivos	Número de ocorrências	percentual
Meu(s), minha (s)	544	44
Teu(s), tua(s)	12	1
Seu(s), sua(s) 2. <sup>a</sup> pessoa	88	7
Seu(s), sua(s) 3. <sup>a</sup> pessoa	282	22
Nosso(a), nossa(s)	132	10
Dele(s), dela(s)	196	16
total	1264	100

É possível ser percebido neste quadro<sup>22</sup> que as formas *seu* (3<sup>a</sup>), e *seu* (2<sup>a</sup>), para representar a terceira e a segunda pessoas respectivamente, são as mais frequentes<sup>23</sup> no *corpus* observado pelo autor, a forma *dele*, se faz bastante presente e a forma *teu* é bastante inferior a forma *seu* (2<sup>a</sup>) pessoa.

Com base na literatura que afirma estar a forma *dele* cada vez mais presente como pronome possessivo de terceira pessoa no lugar de *seu* (3<sup>a</sup>) (MEIER, 1948; DIAS, 1953; SILVA & SCHERRE, 1996;), acredito ser possível afirmar que este possa ser um dos motivos pelos quais a forma *seu* (2<sup>a</sup>), no *corpus* de MONTEIRO seja bastante usada como a forma possessiva de segunda pessoa.

Suponho, em razão dos dados de MONTEIRO (1994), que a forma *seu* (e flexões) para segunda pessoa, não causaria qualquer problema na identificação possuidor/possuído visto que só intercambiaria com a forma *teu*<sup>24</sup> (e flexões) para a segunda pessoa.

<sup>22</sup> Neste quadro há informações também sobre a primeira pessoa singular/plural, mas me detenho as formas de 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoa.

<sup>23</sup> Apenas em relação aos possessivos de segunda e terceira pessoas.

<sup>24</sup> Nas regiões em que o possessivo *teu* (e flexões) seja utilizado.

Por outro lado, o mesmo não se aplica à forma *seu* como pronome de terceira, visto que este pronome traz consigo, segundo (MONTEIRO, 1994: pag. 207-208), pelo menos três tipos de ambigüidades. E o uso do pronome *dele* (e flexões), substituindo o *seu* (3ª), não seria apenas um intercâmbio entre eles, mas a possibilidade de dispersão quando da interpretação dos dois referentes, possuidor/possuído.

Sobre a utilização das formas possessivas de segunda pessoa em pesquisa quantitativa, além de SILVA (1984)<sup>25</sup> com dados do Rio de Janeiro, temos os resultados de BUSETTO (1996), utilizando o *corpus* do VARSUL<sup>26</sup>. Na cidade de Curitiba, a forma pronominal *teu* (e flexões), no *corpus* de sua pesquisa, é superior a forma *seu* (e flexões) 2ª pessoa.

BUSETTO (1996: 9) conclui que em Curitiba para a segunda pessoa são utilizados os pronomes *tu*, *você(s)*, *o senhor(es)*, *a senhora(s)* no tratamento direto ao interlocutor.

O autor na análise dos seus dados mostra que não foi registrada nenhuma ocorrência das formas possessivas *do(s) senhor(es) da(s) senhora(s)*. O autor atribui a baixa ocorrência desses pronomes ao fato de no ambiente das entrevistas que compõem o *corpus* procurar se criar uma situação informal, o que dificultaria, portanto, a utilização dessas formas, visto que elas são mais formais no tratamento entre os interlocutores.

De acordo com os resultados da pesquisa dele é possível concluir que há equilíbrio na distribuição das ocorrências em relação aos fatores extralingüísticos (sexo e faixa etária do informante) e a utilização dos pronomes de segunda pessoa. Porém há uma tendência de as mulheres da *faixa etária I* (até 50 anos) e maior escolarização (segundo grau) a utilizarem mais *teu(s)*, *tua(s)*, reforçando a hipótese de que esta forma é a de maior prestígio no dialeto curitibano.

---

<sup>25</sup> Os resultados de SILVA serão apresentados mais adiante: página 28.

<sup>26</sup> Mais detalhes sobre o Projeto VARSUL na parte metodológica desta pesquisa.

E ainda sobre os possessivos de segunda pessoa, PERINI (1985: 1-16), na observação dos pronomes possessivos<sup>27</sup>, afirma ter a língua coloquial livrado-se da ambigüidade do pronome *seu* permitindo que a língua se especializasse como a forma possessiva de *você*, exclusivamente. Ou seja, na língua coloquial um sintagma como

(12) *Seu pai*. (exemplo do autor)

significa apenas o pai da pessoa designada como *você* (isto é, correspondente ao *teu pai*); nunca significa *o pai da(s) pessoa(s)* designada como *ele, eles* ou *vocês*.

O autor faz uso de três quadros para explicar o que ocorreu com o paradigma dos pronomes possessivos. O primeiro (a ordem que eles aparecem aqui foi modificada da ordem original no texto de PERINI para fins didáticos) corresponde às formas possessivas no português padrão; o segundo os pronomes pessoais do português coloquial ou padrão; o terceiro o sistema de possessivos no português coloquial.

PERINI (1985: 1-2) usa o quadro 1T para demonstrar que, no português padrão, o *seu* é ambíguo podendo corresponder aos pronomes *você, vocês, ele* ou *eles*. Essa tabela, de acordo com o autor, teria sido válida por algum tempo para o português coloquial -, ou então através de uma adaptação automática que teve lugar ao mesmo tempo que o desaparecimento de *tu* e de *vós* do uso corrente.

---

<sup>27</sup> O sistema pronominal do português coloquial descrito pelo autor se encontra em uso, segundo informações do próprio autor, na parte central do país: Rio, Minas, Espírito Santo, Bahia, Goiás, São Paulo e algumas outras áreas. Porém o autor reconhece que tanto no Sul quanto no Norte há extensas áreas onde o sistema é diferente.

<b>QUADRO 1T - Formas possessivas no português padrão, Perini 1985.</b>			
	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
Singular	Meu	Seu	Seu
Plural	Nosso	Seu	Seu

O quadro 2T usado, pelo autor, para mostrar os pronomes pessoais do português:

<b>QUADRO 2T – Os pronomes pessoais do português coloquial/padrão, Perini 1985.</b>			
	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
Singular	Eu	Você	ele/ela
Plural	Nós	Vocês	eles/elas

No quadro 3T PERINI nos mostra que a língua coloquial livrou-se da ambigüidade do pronome *seu* permitindo que o mesmo se especializasse como a forma possessiva *de você*.

<b>QUADRO 3T – Sistema dos possessivos do português coloquial, PERINI 1985</b>			
Pessoa/Número	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
Singular	Meu	Seu	Dele
Plural	Nosso	de vocês	Deles

O fato observado por PERINI (1985: 2) da utilização da forma *seu* especializada como a forma possessiva de *você*, na língua coloquial dos dialetos<sup>28</sup> observados, nos indica que o funcionamento da língua se dá baseando-se nas necessidades exigidas quando da interlocução. A língua *dá um jeito* de evitar formas ambíguas (PERINI, 1985:7). E relaciona a adequação da língua ao fato do surgimento das formas *de vocês, dele e deles presentes também no padrão, embora pouco usadas. No coloquial, são as únicas formas aceitáveis*, conclui o autor.

PERINI (1985: 12) justifica sua tese afirmando que a ambigüidade deve ser evitada sempre que impedir a recuperação da pessoa gramatical referida, e acrescenta, para confirmar a sua afirmação:

Por que *meu e nosso* não foram também substituídos por construções do tipo *de + N*? responderei que o Princípio Dois<sup>29</sup> estabelece que só se façam alterações mínimas, de modo que apenas os casos ambíguos foram substituídos por construções *de + N*.

KATO (1985: 108), na réplica a Perini, conclui a respeito do trabalho dele que parece apenas que o que ele considera agramatical (*\*de você, \*de mim*) seria, na verdade, apenas de baixa produtividade ou não-ocorrente.

A autora toma posições teóricas diferentes das de Perini, ou seja, as restrições dela são de cunho *usual*, ocorrência -, enquanto que as dele estão baseadas em princípios gramaticais.

KATO observa:

Parece haver algumas diferenças dialetais entre Minas e outras regiões centrais do Brasil, como São Paulo, onde o que Perini considera ser a forma continental e não brasileira é ainda usada por muitos falantes. Assim, em São Paulo, é perfeitamente possível ouvirem formas como *teu pai, É a tua!* etc.

<sup>28</sup> Rio, Minas, Espírito Santo, Bahia, Goiás, São Paulo e algumas outras áreas.

<sup>29</sup> O Princípio Um "A ambigüidade deve ser evitada sempre que impedir a recuperação da pessoa gramatical referida"; Princípio Dois: "só se admitem alterações mínimas no sistema."

A autora em sua argumentação explica o porquê da não escolha da forma *de você*, acrescentando um novo Princípio - Princípio três - aos dois formulados por Perini (citados anteriormente: nota 29): Princípio Três: evite usar formas diferentes para uma mesma função.

Ela explica, com base nesse Princípio, então:

*De você* marca inequivocamente a relação interpessoal íntima ao passo que *seu* não é marcada quanto a isso. Ele pode ocorrer tanto com *senhor* como com *você*. A forma não marcada é, portanto, uma forma cômoda, sobretudo quando não estamos absolutamente certos de como tratar uma pessoa. Nem sempre, em situações reais de comunicação, as formas *você* ou *senhor* são necessárias, pois o português permite suprimir o sujeito pronominal. Nesses casos, o possessivo *seu* parece providencial. Em variantes nas quais tanto *seu* como *teu* ocorrem com a segunda pessoa, *seu* pode indicar maior distanciamento e *teu* maior proximidade. De qualquer forma, *de você*, seria desnecessário.

Resumindo, o uso de *seu* para a segunda pessoa não ocasiona ambigüidade de referência; apenas é vaga quanto à relação de intimidade, não havendo, portanto, violação do Princípio Um.

A forma *de vocês*, provavelmente, quanto aos fatores aproximação/distanciamento em relação ao interlocutor funciona, seguindo os princípios formulados por Kato, da mesma forma como *seu* (segunda pessoa); e o uso daquela forma – *de vocês* - não sofre nenhuma restrição de uso quanto o seu correlato no singular *de você*: não sei se a restrição de uso seria, apenas, por conta de *seu* (segunda pessoa), em variantes nas quais tanto *seu* e *teu* ocorrem (como é o caso de Curitiba), não ocasionar ambigüidade de referência. Tenho ouvido, com pouca frequência – é verdade – ocorrência de *de você* em situação do tipo:

- (13) – Posso usar essa aqui? (referindo-se à bicicleta)  
 – Essa o quê?  
 – Essa aqui não é *de você*?  
 – A bicicleta azul? É sim. Claro que pode.  
 – É *sua*, não é?

Por outro lado, baseando-se no Princípio Quatro - escolha a forma na qual o elemento com que se empatiza mais preceda o elemento com que se empatiza menos, KATO (1985: 116-119) procura explicar o porquê da forma *seu* ter se mantido em seu sentido de 2ª pessoa :

Ora, entre a 2ª pessoa e a 3ª é óbvio que empatizamos mais com a segunda. Logo, vou escolher o possessivos para a segunda porque isso assegura que a referência a 2ª pessoa anteceda a referência ao objeto possuído.

Mas a autora observa que esse princípio não operaria para a segunda pessoa do plural, e acrescenta:

Lembremos que *você* marca, de forma não ambígua, a relação de intimidade interpessoal enquanto que *seu* é neutro. Ora o mesmo não ocorre com *vocês* no plural que hoje é quase neutro em relação à intimidade. Logo, se *vocês* pode referir-se a pessoas não íntimas, é natural que ocupe uma posição menos empática do que *você*.

Com base na concepção de Kato as considerações agramaticais de Perini devem ser vistas apenas como não-produtivas, como fenômeno de uso e não de regra gramatical. Estes devem interagir com outros princípios, o da Empatia, por exemplo. Aceitável se encarado como um possível determinante de realizações concretas da gramática da língua, ou não se postulado como princípio gramatical.

NEVES (1993: 164), na citação abaixo, mostra aspectos que permeiam o uso dos pronomes possessivos. A autora diz que a forma possessiva *teu* pode representar duas diferentes formas de tratamento: tu e você.

É óbvio que o pronome possessivo de 3ª pessoa *seu* também remeta à 2ª pessoa, desde que representada por pronome de tratamento. Desse modo, *de você* intercambia não apenas com *teu*, mas também com *seu*.

A ocorrência de *seu* (3ª) pessoa também como possessivo de 2ª pessoa não creio que possa, na altura das discussões, causar qualquer

dúvida, mas a autora sustenta o seu argumento na afirmação que diz ser possível esse intercâmbio apenas se a 2ª pessoa for representada por pronome de tratamento.

Os possessivos constituem em essência uma espécie de pronome pessoal (MONTEIRO, 1994:115-116). A função dos pronomes possessivos é indicar uma relação entre o objeto representado pelo substantivo a que se referem e uma pessoa gramatical.

NEVES (1993: 154) apresenta o quadro<sup>30</sup> 4T com o número de ocorrências dos pronomes possessivos de segunda pessoa: nele podemos observar, mais uma vez em se tratando do Projeto NURC, a baixa produtividade de pronomes de segunda pessoa<sup>31</sup> e, apesar das poucas ocorrências, verificar que a forma *seu* é a mais utilizada, nesse *corpus*, como pronome possessivo referente à segunda pessoa.

<b>QUADRO 4T - Ocorrência das diversas formas possessivas no <i>corpus</i></b>			
<b>mínimo<sup>32</sup>: 2ª pessoa. Singular/Plural</b>			
Formas de expressão	Teu(s) (você(s))	seu(s) (você(s))	de você(s)
EF	2	11	3
D2	0	18	0
DID	0	2	0
Total	2	31	3

<sup>30</sup> Reproduzi parte do quadro apresentado pela autora: utilizei somente os resultados com os pronomes de segunda pessoa. NEVES (1993: 154)

<sup>31</sup> Ver páginas 10-11, desta pesquisa, sobre as possíveis causas da pouca ocorrência de pronomes possessivos de segunda pessoa no *corpus* do Projeto NURC.

E quanto aos pronomes possessivos de terceira pessoa, NEVES (1993: 160), na observação dos seus dados, afirma que é freqüente a ocorrência de *dele* em casos em que o pronome possessivo *seu* poderia ser interpretado como de 2ª pessoa (= *de você, de vocês, do senhor* etc.), havendo, ou não, precedentemente, a expressão desses pronomes de tratamento. A autora exemplifica:

(14) Então a Tatá estava contando outro dia né? que:: depois das seis horas da noite você andar na cidade e o jeito dela. (exemplo da autora)

E acrescenta:

Entretanto, não se pode afirmar que o uso de *de+ele* responda sempre a uma necessidade de se obter maior especificação, ou mesmo, de se fugir à ambigüidade. Em muitos casos em que se registra o emprego desse tipo de sintagma, seria indiferente, para a recuperação da informação, o uso do pronome possessivo.

E exemplifica:

(15) O brasileiro tem preocupação de ter a casa própria dele

(16) Eu gostava de um comediante francês que aliás agora tem passado poucos filmes dele que era o Jacques Tati. (exemplos da autora)

A autora não apresenta números em relação à afirmação acima, e registra quatro ocorrências que ilustram essa afirmação. Apresenta, ainda, as conclusões sobre o comportamento dos possessivos<sup>33</sup>, verificado no *corpus* do Projeto NURC, colocado sob exame (NEVES, 1993: 207): em relação aos pronomes de 3ª pessoa a forma *seu* é altamente preferida (68.3%) enquanto que a forma *dele* tem um percentual de 31.7%.

A autora observa em virtude desse resultado:

---

<sup>32</sup> Selecciona inquéritos (DID, EF, D2) dos *corpora* do Projeto NURC para as capitais pesquisadas: Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Porto Alegre e São Paulo.

Essa conclusão, que contrariou as expectativas (especialmente em se tratando de língua falada), foi confirmada pela análise de um *corpus* de confronto (6 EF de São Paulo), que apresentou 75.6% de uso do *seu* contra 24.4% de uso de *dele*. (NEVES, 1993: 207)

Conclusão que contraria também os resultados da pesquisa de SILVA (1984, *apud* CERQUEIRA, 1996: 130-131) que estuda a distribuição de *dele* e *seu* (3ª) pessoa: resultado que constata ser a forma *dele* a preferida no registro oral:

QUADRO 5T -SILVA 1984 — frequência geral de aplicação da forma <i>dele</i> . Diferença entre o <i>corpus</i> escrito e o oral.			
	<i>dele</i>	Total das ocorrências <i>seu/dele</i>	Percentual correspondente às ocorrências da forma <i>dele</i>
ESCRITO	314	2228	14,1%
ORAL	485	647	75,0%

Esses resultados são reforçados pelos dados de SILVA relativos à ocorrência de *dele* em diferentes tipos de *corpora* escritos: quadrinhos, fotonovelas e jornais. Os textos de revistas em quadrinhos e fotonovelas (que tentam reproduzir características da fala) apresentaram maior ocorrência do pronome *dele* do que os textos de jornal (que reproduzem a norma padrão):

<sup>33</sup> Irei apenas retratar aqui os resultados com os pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoa.

Quadro 6T – Ocorrência da forma <i>dele</i> nos vários <i>corpora</i> escrito				
	<i>dele</i>	Total das ocorrências <i>seu/dele</i>	freqüência	Probabilidade
Quadrinhos	166	873	19,0%	0,71
Fotonovelas	125	932	13,4%	0,69
Jornais	23	423	5,4%	0,16

Ainda em relação aos resultados de NEVES, foi observado a respeito da forma *teu* (= *de você*) ocorrência em apenas um inquérito, representando apenas 5.6% das ocorrências de formas possessivas relativas ao tratamento *você* (contra 86.1% de *seu* e 8.3% de *de você*).

Sobre esses resultados a autora também observa:

Essa conclusão que também contrariou as expectativas (já que a gramática normativa se tem preocupado com a “mistura de formas” de 2ª pessoa e de 3ª no tratamento do interlocutor), foi confirmada pelo exame de mais 10 inquéritos (5 D2 e 5 EF de São Paulo), entre os quais apenas um apresentou a forma *teu* (= *de você*).

Quase sempre as *expectativas* são contrariadas quando se comparam os resultados obtidos de estudos da língua oral com as determinações da GN. Percebe-se, então, que a descrição realizada por esta não se aplica suficientemente aos fatos ocorrentes na língua oral. A prática do uso é quase sempre distinta dos princípios postulados pela GN.

E ainda em relação ao que Neves chama de mistura de tratamento, MENON (1994) afirma que além das anomalias na flexão verbal, o pronome *você* provocou uma reformulação nos paradigmas dos pronomes possessivos e dos pronomes em função de objeto. E de acordo com as regras das GN, devem acompanhar o pronome *você* as formas pronominais de 3ª pessoa. Mas como já foi observado, o pronome *você* é de 2ª pessoa, pois o falante se dirige **diretamente** (grifo da autora) ao interlocutor, tem-

se um tratamento direto e não mais indireto como era seu antepassado *Vossa Mercê*.

Temos, portanto, como referências, além da distribuição canônica desses pronomes, grande quantidade de publicações a nos indicar caminhos para análise desses fatos. Espero, então, que o resultado da pesquisa que realize possa complementar e sugerir questionamentos em relação ao uso que se faz desses pronomes na língua coloquial do português brasileiro contemporâneo.

## **2.1 A GRAMÁTICA NORMATIVA E O EMPREGO DO PRONOME POSSESSIVO DE 2ª E 3ª PESSOA:**

A crítica que faço aos estudos normativos da língua, em relação aos pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoa, é a de que depois de algumas tantas constatações a respeito da utilização que é feita, na língua oral (em princípio), desses pronomes, é em relação a pouca informação sobre os usos que deles se fazem.

Claro que sei, também, que a GN trata sobretudo da modalidade escrita da língua, o que não justifica não perceber que há (na língua oral em princípio) uma mudança no que tange ao uso desses pronomes.

Sei também que as referências normativas talvez não sejam relevantes para um trabalho variacionista, mas ainda assim, considero-as por muitos motivos, sobretudo pela parte que lhe cabe no ensino da língua e pelo trabalho de descrição do português, um importante instrumento.

As gramáticas normativas, em geral, não reconhecem que a forma *dele* tende a ser cada vez mais o possessivo de terceira pessoa, em todas as camadas sociais, na moderna língua oral, e que *seu* disputa com *dele* a preferência na *língua mais elevada* MEIER (1946, *apud* SILVA & SCHERRE, 1996: 176).

Nas gramáticas normativas (pelo menos entre as mais utilizadas nas escolas), por exemplo na gramática de SACCONI (1986), os pronomes possessivos, tanto os de segunda quanto os de terceira pessoa, são apresentados da seguinte forma quando do seu uso: o *teu* (e flexões), e o *vosso* (e flexões) para 2ª pessoa e o *seu* (e flexões) como sendo o de 3ª pessoa, sem nenhuma observação a respeito de uma possível ambigüidade na utilização do pronome possessivo *seu*; como se não fosse possível haver uma outra forma de eles serem percebidos nas modalidades oral e escrita da língua.

BECHARA (1993: 97) apresenta em relação aos pronomes possessivos apenas a definição e o quadro abaixo:

Pronomes Possessivos. — São os que indicam a posse em referência às três pessoas do referente:

QUADRO 7T – Pronomes Possessivos, BECHARA 1993					
Singular	1ª pessoa	Meu	Minha	Meus	Minhas
	2ª pessoa	<i>Teu</i>	<i>Tua</i>	<i>Teus</i>	<i>Tuas</i>
	3ª pessoa	<i>Seu</i>	<i>Sua</i>	<i>Seus</i>	<i>Suas</i>
Plural	1ª pessoa	Nosso	Nossa	Nossos	Nossas
	2ª pessoa	<i>Vosso</i>	<i>Vossa</i>	<i>Vossos</i>	<i>Vossas</i>
	3ª pessoa	<i>Seu</i>	<i>Sua</i>	<i>Seus</i>	<i>Suas</i>

O autor não faz qualquer consideração quanto ao emprego desses pronomes na linguagem escrita ou oral, sequer observa a utilização das outras formas possessivas.

GARCIA (1992: 128), no capítulo intitulado *Referente Direto e Indireto*, e com o subtítulo “os verbos e os pronomes nos referentes direto e indireto” observa, sobre os pronomes possessivos nesses referentes:

“os pronomes possessivos, sejam quais forem no referente direto, irão, salvo raros casos excepcionais, para a **terceira pessoa** (meu grifo) no referente indireto. Confrontem-se as seguintes versões, adaptadas (“quarto” em vez de “seio”) do trecho de Camilo:

- (17)"Chora no teu quarto". (referindo-se ao sujeito do verbo chorar);  
 (18)"Chora do seu quarto." (referindo-se ao sujeito do verbo chorar);  
 (19)"Chora no seu quarto." (dele, referindo-se ao quarto do personagem ausente);  
 (20)""Chora no quarto dele." (referindo-se ao quarto do personagem ausente).  
 (21)""Chora no seu quarto." (deles, referindo-se ao sujeito de disse e de mais alguém que não o sujeito de chorasse).  
 (22)"- Ela disse que chorasse no seu quarto (deles).  
 (exemplos do autor)

O que se pode perceber é que o autor, na transformação dos referentes, utiliza a forma genitiva *dele* para desfazer a possível ambigüidade que ocorreria na utilização de *seu/sua* para a terceira pessoa. Com as explicações entre parênteses mostra as várias possibilidades de interpretação quando da utilização do pronome *seu*.

É importante também situar que GARCIA, ao contrário da maioria dos autores de GN's, se posiciona de maneira bem independente em relação aos estudos da língua – o seu trabalho é fundamentado na lingüística. Na verdade o trabalho dele não poderia ser classificado como normativo, pois as observações dele são bastante particulares em relação às normas vigentes na maioria absoluta, nas GN's. Garcia percebe os fatos e não os ignora, ao contrário, descreve a flexibilidade de uso e as possibilidades no emprego das variantes.

Na Minigramática Eletrônica (1997) organizada a partir da Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa<sup>34</sup> de CUNHA & CINTRA a ambigüidade no uso dos pronomes possessivos ganha um espaço tímido. Em nenhum momento os autores descrevem o pronome *seu* como pronome de segunda pessoa, mas quando mencionam a possibilidade de se trocar o pronome *seu* (por força da ambigüidade provocada por este pronome), os autores sugerem trocá-lo, também, pela forma genitiva *de você*.

<sup>34</sup> Esta gramática eletrônica "MINIGRAMÁTICA" é muito resumida em relação à gramática que lhe deu origem, mais adiante, então, trato das informações contidas em CUNHA & CINTRA (1985).

O autor observa a respeito da ambigüidade da forma *seu* (e flexões):

“Emprego ambíguo do possessivo de 3ª pessoa: As formas *seu, sua, seus, suas* aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3ª pessoa do singular ou da 3ª do plural, seja este possuidor masculino ou feminino.

O fato de o possessivo concordar unicamente com o substantivo denotador do objeto possuído provoca, não raro, dúvida a respeito do possuidor.

Para evitar qualquer ambigüidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de *seu(s), sua(s)*, pelas formas *dele(s), dela(s), de você, do senhor* e outras expressões de tratamento. Por exemplo, a frase:

(23) "Em encontro com Rosa, José fez comentários sobre os seus exames".

Tem um enunciado equívoco: os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Rosa; ou sobre os exames *dele*, José; ou, ainda, sobre os exames de ambos. Assim sendo, o locutor deverá expressar-se, conforme a sua intenção:

(24) "Em encontro com Rosa, José fez comentários sobre os exames *dela*".

(25) "Em encontro com Rosa, José fez comentários sobre os exames *dele*".

(26) "Em encontro com Rosa, José fez comentários sobre os exames *deles*".

(exemplos do autor)

O pronome *dele*, então, claramente é utilizado como forma alternativa para desfazer uma possível ambigüidade com o pronome *seu/sua* de terceira pessoa. Porém, nada mais é mencionado nesta gramática.

SAVIOLI (1992: 299) sobre os possessivos afirma *é um tipo de pronome que, em princípio, indica a que pessoa do referente pertence o elemento ao qual ele se refere.*

O autor, apesar de fazer referência a possíveis problemas de compreensão quando da utilização das formas *seu* (3ª) versus *dele*, quando exemplifica as pessoas do discurso e os seus referentes, apenas utiliza as formas *teu* e *meu*, deixando de lado as formas que despertariam alguma dúvida, ou causariam algum questionamento.

Mais adiante sobre a ambigüidade do pronome *seu* (3ª) pessoa e o intercâmbio por *dele*, o autor sugere algumas alternativas do tipo:

"Há situações em que o possessivo *seu* gera um outro tipo de ambigüidade, como no caso que segue "O gerente informou à consultoria que recusaram a *sua* proposta". *Sua*, neste caso, pode indicar: **dele** (do gerente); **dela** (da consultoria). Um dos recursos para neutralizar esse tipo de ambigüidade é a repetição do pronome **dele** (ou flexões). Desta forma, poderemos ter "O gerente informou à consultoria que recusaram a *sua* proposta **dela**."(negritos do autor).<sup>35</sup>

PEREIRA (1948: p321) sobre os possessivos de terceira pessoa diz:

*Seu, sua, seus, suas*, que significam – *dele* ou *dela*, *deles* ou *delas*, e se referem a um possuidor da 3ª pessoa, trazem ambigüidade quando houver na oração mais de uma 3ª pessoa, que possa o possuidor, por exemplo:

(27) Ele levou o menino a *seu* pai.

O sujeito *ele* e o objeto *menino* são ambos da 3ª pessoa, qualquer deles pode ser o possuidor do pai; o pai pode gramaticalmente ser do sujeito *ele* ou do objeto *menino*.

Não é fácil fugir da *ambigüidade* desta e outras construções. Aproximando-se o *possessivo* do *possuidor* e reforçando-o com o adjetivo *próprio*, dir-se-á com mais clareza:

(28) Ele a *seu próprio* pai levou o *menino*, ou

(29) *Ele* levou o *menino* ao *próprio* pai ou a *seu respectivo* pai.

Para remover ambigüidade, elucidar a referência, emprega-se às vezes – *seu*, *dele*, *dela*, *deles* ou *delas*.

(30) *O seu grande amigo dela* (Garret).

(exemplos do autor).

Pereira observa o fato de ser problemático fugir da ambigüidade e em suas sugestões acrescenta uma informação a mais – em relação aos gramáticos (que em geral sugerem o uso da forma pleonástica *seu/dele*), o uso do adjetivo *próprio* como possibilidade de tornar o enunciado mais claro por conta da ambigüidade provocada pelo uso da forma *seu* em um ambiente com mais de uma 3ª pessoa.

CUNHA & CINTRA (1985) tratam os possessivos com alguma diferença em relação à maioria absoluta dos gramáticos normativos: reconhecem o uso das formas genitivas (de mim, de ti, de nós, de vós, de

<sup>35</sup> Sobre a possibilidade do uso pleonástico *seu/dele* fiz os devidos comentários na página 9.

si). Mas quando tratam da ambigüidade do *seu*, fazem a seguinte observação:

As formas *seu*, *sua*, *seus*, *suas* aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3ª pessoa do singular ou da 3ª pessoa do plural, seja este possuidor masculino ou feminino.

O fato de concordar o possessivo unicamente com o substantivo denotador do objeto possuído provoca, não raro, dúvida a respeito do possuidor.

Para evitar qualquer ambigüidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de *seu(s)*, *sua(s)*, pelas formas *dele(s)*, *dela(s)*, *de você*, *do senhor* e outras expressões de tratamento.

Em nenhum momento da descrição do emprego dos possessivos os autores fazem (exatamente como a maioria dos gramáticos) menção ao uso do *seu* como forma de segunda pessoa. Os autores nos apresentam, então, o quadro dos possessivos:

	Um possuidor		Vários possuidores	
	Um objeto	Vários objetos	Um objeto	Vários objetos
<b>1ª pessoa</b>	meu	meus	nosso	nossos
	minha	minhas	nossa	nossas
<b>2ª pessoa</b>	teu	teus	vosso	vossos
	tua	tuas	vossa	vossas
<b>3ª pessoa</b>	seu	seus	seu	seus
	sua	suas	sua	suas

Nele nos são apresentadas as formas canônicas dos possessivos (inclusive o *vosso* (e flexões) para a segunda pessoa plural), mas quando os

autores se referem aos *pronomes de tratamento*<sup>36</sup> que o português nos oferece como possibilidade de precisar a pessoa do possuidor fazem uma *salada* para com esta substituição: usam formas de segunda (*de você, do senhor*) e o pronome possessivo de terceira pessoa (*dele*) na substituição do *seu* (segundo os autores, pronome possessivo exclusivo de terceira pessoa).

O valor possessivo destes pronomes nem sempre é suficientemente forte. Quando há necessidade de **realçar a idéia de posse** - quer visando à **clareza**, que à **ênfase** -, costuma-se reforçá-los:

Com as expressões **dele(s)**, **dela(s)**, no caso do possessivo de 3ª pessoa. (grifos meus)

Por outro lado os autores, através dessa observação, reconhecem a univocidade da forma *dele* (e flexões) em detrimento da forma *seu* (3ª) pessoa, embora este reconhecimento seja pautado no uso pleonástico dessas formas.

Na GN em geral não há uma visão histórica do problema<sup>37</sup>, não há ao menos referências, mesmo que superficiais, simplificadas que sejam, à literatura da área, isto é, não há fundamentação lingüística e das ciências interdisciplinares, sobretudo a sociolingüística. O máximo que encontramos são observações, com pouco destaque, sobre um ou outro caso. E mesmo assim quase sempre são (des)considerados como sendo casos particulares às regras.

E considerando a importância da GN no ensino da língua, seria bastante razoável esperar dos gramáticos uma gama representativa de informações sobre, pelo menos, os fatos mais visíveis a respeito do funcionamento desses pronomes.

<sup>36</sup> "A função dos pronomes possessivos é indicar uma relação entre o objeto representado pelo substantivo a que se referem e uma pessoa gramatical. Os possessivos constituem em essência uma espécie de pronome pessoal." (MONTEIRO - 1994, páginas 115-116)

<sup>37</sup> Que talvez facilitasse a compreensão mostrando, por exemplo, a mudança ocorrida no paradigma dos pronomes pessoais e possessivos.

## 2.2 O VALOR SEMÂNTICO DO POSSESSIVO

Uma questão interessante que cabe aqui para que se compreenda melhor a relação que há entre os termos envolvidos na questão da *posse*: os chamados *possessivos* e os nomes com os quais esses elementos formam um SN é a verificação do valor semântico dessa relação. A relação possessiva é uma relação vaga, isto é, abrange diversas relações as quais não traduzem em essência o que realmente ocorre entre o que chamamos *possuidores* e *possuídos*:

The use of a possessive entails that some relations holds between the possessor and the thing possessed. What is the nature of this relations? That is, what can we predict about the possession relations that can be expressed by a particular possessive based on the meanings of its parts? Building on an insight first developed in depth by Chomsky (1970), I will suggest that the descriptive content of a possessive depends primarily on the denotation of the possessee nominal. (BAKER:1995, p. 43)<sup>38</sup>

Em muitas ocorrências, no *corpus* dessa pesquisa, foi verificado que o que é chamado de *possuidor* (não necessariamente possui) e o que é chamado de *possuído* (não necessariamente alguém, ou alguma coisa, tem a sua posse) o que quer dizer que a relação que se estabelece entre esses dois termos expressa situações diversas no que passo a chamar de *construção possessiva* (NEVES, 1996: 201).

CUNHA & CINTRA (1985: p 313) em relação ao valor dos possessivos e sobre a relação que se estabelece entre os dois termos envolvidos, dizem o seguinte:

---

<sup>38</sup> O uso de um possessivo requer que se mantenha alguma relação entre o possuidor e a coisa possuída. Qual é a natureza dessa relação? Isto é, o que nós podemos predizer sobre as relações de posse que pode ser expressa por um possessivo particular baseado no significado de suas partes? Baseando em um "insight"(discernimento) primeiro desenvolvido em profundidade por Chomsky (1970), eu irei sugerir que o conteúdo descritivo de um possessivo depende primariamente da denotação (indício, sinal) do possuído nominal."(tradução nossa).

O pronome possessivo não exprime sempre uma relação de posse ou pertinência, real ou figurada. Na língua moderna, tem ele assumido múltiplos valores, por vezes bem distanciados daquele sentido originário.

CUNHA & CINTRA chamam, então, de múltiplos valores assumidos pelos possessivos as seguintes situações<sup>39</sup>:

Quando o possessivo é empregado como indefinido:

(31) Tinha **o seu orgulho, a sua calma, a sua certeza**.

Quando indicam aproximação numérica:

(32) Revejo sempre uma rapariga que só uma vez fitei, tinha eu **meus vinte anos**.

Quando designam um hábito:

(33) **Nos nossos dias**, a baianinha chegava logo depois do almoço, muito leve e flexível, a passo rápido.

Quando expressão valores afetivos:

(34) Quer alguma coisa, **minha senhora**?

(35) Hoje, **meu caro Antônio**, temos de festejar a presença do meu rapaz.

(36) Onde está **o meu Tenentes do Diabo**?

(37) Todos aqueles santos varões comiam, bebiam **o seu vinho do Porto** na copa.

O que é possível perceber, no *corpus* desta pesquisa, em relação ao que Cunha e Cintra dizem, é que, além dos casos em que a relação *possuidor/possuído* é bastante clara, como em

(38) Ela nunca nem via o **caderno dela** (Curitiba, sexo feminino, primeira faixa etária, ginásio, entrevista 18 linha 1482)

**o caderno** (possuído) e **ela** (possuidora), mas em

(39) Era o que essa **professora dele** fazia. (Curitiba, sexo feminino, primeira faixa etária, ginásio, entrevista 18 linha 1429)

---

<sup>39</sup> Exemplos e grifos dos autores.

no entanto, como no exemplo (39), valor distinto no uso do possessivo. Este exemplo (39), a **professora** não poderia pertencer a alguém, como *um carro, uma casa, um sapato* poderiam.

Em esta *construção possessiva* de (39) poderia ser chamada, então, de *posse de relacionamento*, assim como eu classificaria da mesma forma os exemplos *o meu colega* ou *o meu chefe*.

A relação semântica entre os membros do par (pronome possessivo e os nomes com os quais esses elementos formam um sintagma) representa apenas uma das pontas nesta *construção possessiva*. E a sutileza que diferencia essa construção é muito maior.

Há, no *corpus* dessa pesquisa, grande diversidade semântica de relações entre os termos envolvidos. Acho importante, então, verificar a natureza semântica dessas relações para que possamos compreender melhor a relação entre os dois termos no que chamo de *relação possessiva*.

No exemplo

(40) Recebi a **tua carta**.

verificamos que o que poderíamos considerar posse nesse SN (40) na verdade não o é. A carta (possuído) é de quem a recebeu (possuidor 2), mas pertence também a quem a remeteu (possuidor 1).

A construção possessiva, nesse caso (40), foi considerada, por mim, de maneira distinta da considerada do exemplo (38) visto que, neste exemplo, o elemento possuído não tinha nenhuma outra relação de posse com um outro elemento no sintagma nominal. Portanto a construção possessiva no exemplo (40) foi denominado *autoral* da mesma forma que seriam consideradas *um livro, uma música, uma poesia* de autoria de alguém remetida, ou não, a outrem.

Parti, então, da relação sintática entre os termos envolvidos na construção possessiva para estabelecer pontos afins quando da verificação da natureza semântica dessa relação.

O exemplo

(41) Minha prisão.

tem, pelo menos, três possibilidades sintático-semântico de interpretar esse exemplo:

(41.a) Eu possuo uma prisão (posse)

(41.b) Eu prendi alguém. (agente/sujeito)

(41.c) Eu fui preso. (paciente/objeto) = (alguém me prendeu).

No entanto a relação semântica é mais ampla que a sintática, visto que as interpretações vão além da disposição dos termos no SN. Há, nessa relação (41), muitas sutilezas e, algumas vezes, nem mesmo a contextualização é capaz de tornar compreensível os aspectos que envolvem o par nessa construção possessiva.

Por exemplo, em:

(42) A alimentação delas é muito boa, [e] - é o que sempre digo, às vezes a criança come ali o que não come em casa, né? (Curitiba, sexo feminino, primeira faixa etária, segundo grau, entrevista 19 linha 1248).

há possibilidade de se fazer, tal qual o exemplo (41), diversas interpretações, o que dificulta compreender e definir qual relação entre os dois termos essa construção sugere.

Em *A alimentação delas* é também possível a interpretação de que *a alimentação* teria sido preparada por alguém *o alimento que alguém prepara*; sugere também ser um tipo de alimento que algumas pessoas consomem *o que elas comem*; poderia também remeter à alimentação metafórica de uma máquina *a alimentação delas é com óleo*. É por conta de todas essas possíveis interpretações que a contextualização se faz necessária para que se possa, então, compreender (quando possível, visto que em algumas situações por força da ambigüidade nem mesmo o contexto é capaz de fazer com que se compreende determinadas situações).

Em

(43) A fundação dele.

Em princípio poderia ter sido interpretado como sendo uma construção possessiva. Neste caso (43a) o período completo possibilitou compreender que não se tratava de uma relação de posse. *A fundação* neste contexto significa o ato ou o efeito de fundar, pede complemento preposicionado “fundação DE alguma coisa”, é uma referência anafórica de + ele.

(43a) Mil novecentos e quatorze, a fundação dele (Curitiba, sexo masculino, primeira faixa etária, ginásio, entrevista 9 linha 33).

São diversas as ocorrências similares a **a alimentação delas** no *corpus*:

(44) *O crescimento dela*, sabe? Pra ela crescer num todo, em vários setores (Curitiba, sexo masculino, primeira faixa etária, ginásio, entrevista 9, linha 819);

(45) Não há *necessidade de você* de deslocar, vamos supor, daqui até São José. (Curitiba, sexo masculino, primeira faixa etária, segundo grau, entrevista 5, linha 983);

(46) Mas eu não me lembro mais a *denominação dela*. (Irati, sexo masculino, segunda faixa etária, segundo grau, entrevista 23, linha 877);

(47) Mas o que foi que houve? E aquela *desilusão deles* três? (Irati, sexo masculino, segunda faixa etária, segundo grau, entrevista 23, linha 847);

(48) E depois de tanta *insistência dele* a gente abriu mão e deixou pra ela. (Londrina, sexo feminino, primeira faixa etária, primário, entrevista 1, linha 358);

(49) Então ele aproveitava aquilo pela *extensão dele*. (Curitiba, sexo masculino, segunda faixa etária, ginásio, entrevista 15, linha 608)

(50) E você nota que tem um – tem umas pessoas negras aqui em Irati, que você nota assim a *discriminação deles*, porque são vizinhos principalmente, sabe? (Irati, sexo feminino, primeira faixa etária, ginásio, entrevista 3, linha 1297);

(51) Eu disse não, diga pro companheiro que é *engano dele*, eu não puxo saco de padre, eu estou cumprindo a minha missão que eu recebi. (Irati, sexo masculino, segunda faixa etária, primário, entrevista 2, linha 1175);

(52) Só que com a *entrada dela* as coisas se modificaram, ela colocou quem ela quis dentro da escola, né? (Londrina, sexo feminino, primeira faixa etária, primário, entrevista 1, linha 310);

(53) Pois ele é *do tamanho dela*, ela tem cinco, né? Seis e ele cinco, come parece um leitãozinho (Irati, sexo feminino, primeira faixa etária, primário, entrevista 1, linha 763);

(54) O motivo do comércio se desenvolver mais aqui, talvez porque o princípio, *o comecinho dele* foi nessa região, né? Porque hoje o Boqueirão ainda é um bairro que não é tão comercializado quanto aqui e Vila Hauer. (Curitiba, sexo masculino, primeira faixa etária, segundo grau, entrevista 5, linha 133);

que só podem ser interpretadas mediante o contexto.

É possível encontrar pontos de afinidades entre os exemplos citados. Busco referência partindo da sintaxe na busca da natureza semântica da construção possessiva. Mas a sintaxe, como já foi dito, sozinha não

consegue dar conta de torná-las compreensíveis, apenas aponta caminhos para interpretações.

Na codificação das ocorrências procurou-se identidade entre elas, mas se se quisesse encontrar-se-ia, em cada uma delas, diferenças - de sutis a enormes - para organizá-las em grupos. A sintaxe apontava possibilidades e a contextualização contribua no esclarecimento da relação semântica entre os termos envolvidos.

### 2.2.1 - AS DIVERSAS RELAÇÕES EXPRESSAS

Procurei organizar as relações de significado entre os pronomes possessivos e os nomes com os quais eles estabelecem um SN (pronomes possessivo + “possuidor”) de modo a encontrar entre eles pontos afins, porque se quisesse, também como já me referi, encontraria muitas diferenças<sup>40</sup>.

Iniciei a classificação da construção possessiva baseando-me na relação de posse propriamente dita ou *stricto sensu*. Por compreender que esta seria a *verdadeira relação da posse* (um *possuidor* e um *possuído*).

Tudo aquilo que, em princípio, era concreto e que poderia pertencer a alguém/alguma coisa, ou melhor, quando a situação traduzisse a idéia de um *estado de quem frui uma coisa ou a tem em seu poder*: assim como *um avião, um navio, um helicóptero* poderiam pertencer, foi considerado como sendo posse *stricto sensu*.

Em princípio, porque mais adiante, passei a incluir neste grupo tudo aquilo que, mesmo não sendo concreto, fizesse parte, em qualquer momento, da vida de alguém: *os conhecimentos* adquiridos ao longo da vida, *a formação* profissional, *a saúde*, etc. Então passei a considerar nessa construção possessiva tudo aquilo que alguém possuísse (ou não) temporariamente. E denominei este grupo: **Posse Temporária**.

Pensei em poder também incluir no grupo anterior a chamada **posse inalienável**. Mas as diferenças eram bem maiores que os pontos em comum. As partes do corpo, a alma, o espírito não podem ser classificados como algo temporário na vida de alguém. Eles, independente da vontade do possuidor, fazem parte de sua vida.

---

<sup>40</sup> Na codificação dos dados, por exemplo, no grupo denominado **Posse Temporária** inseri elementos que poderiam, em princípio, pertencer a um novo (outro) grupo. Dessa forma elementos tais como “saúde, vida, carro, roupas, conhecimentos adquiridos, casa, formação profissional, etc.” fizeram parte do mesmo grupo, pois, busquei as afinidades que existiam entre estes elementos. Neste caso a relação interpessoal entre estes elementos (os *possuídos*) e um *possuidor* humano.

**Pertencimento** é a denominação do grupo de ocorrências em que, na construção possessiva, o *ambiente*, o *tempo*, ou a *época* da qual alguém fizesse parte fosse um dos referentes dessa relação.

O grupo denominado **Parentesco** seria qualquer relação possessiva que expressasse um relacionamento familiar: *sogro*, *genro*, *pai*, *filho*, *avô* etc...

Fizeram parte do grupo denominado **Autoral** as ocorrências que remetessem às produções de alguém ou de algum grupo ou entidade: trabalhos artísticos, científicos, construções etc..

As características psicológicas e físicas foram, em princípio, inseridas no grupo da *posse inalienável*; porém, encontrei mais diferenças que semelhanças entre elas. A *raiva*, por exemplo, ou o *jeito* de alguém não se incluíam também no grupo denominado *Posse Temporária*, visto que a tendência maior desse grupo - apesar de modificada posteriormente, ainda pedia para os possuídos que fossem concretos. Então denominei esse grupo **Características psicológicas e físicas** por entender que elas, as características, poderiam ou não ser temporárias.

**Relação** é o grupo denominado dos relacionamentos pessoais que não fossem familiares: com o chefe, com o professor, com o namorado, o vizinho etc...

**Atribuição** seria qualquer coisa específica de alguém, por exemplo, uma oração de algum santo, a fala de algum político...

Acrescentadas as informações semânticas à pesquisa, ressaltamos a importância de verificar, também, a partir dessa classificação em relação aos pronomes possessivos de segunda especialmente entre *teu/seu* e em relação, sobretudo, aos pronomes possessivos de terceira pessoa *seu/dele* (e respectivas flexões), se o aspecto semântico estaria, de alguma forma, condicionando o uso dos possessivos.

E além do possível condicionamento do valor semântico do possessivo, pretende-se verificar, também, os seguintes **objetivos específicos** na análise dos dados desta pesquisa:

1. Além de verificar o número de ocorrência dos pronomes de segunda em relação aos pronomes de terceira pessoa, observar os fatores que estariam condicionando estes pronomes;
2. Em relação aos pronomes de terceira pessoa – *dele/seu* - quais seriam os fatores lingüísticos/extralingüísticos que estariam condicionando um e outro desses pronomes;
3. Observar em relação aos pronomes de segunda pessoa, já que no Paraná os pronomes *tu*, *você* e o *senhor* (e respectivas flexões) são utilizadas no tratamento direto ao interlocutor, qual a forma possessiva utilizada para a segunda pessoa;
4. Observar se o pronome *seu* ocorre com mais freqüência como pronome de *segunda* ou *terceira* pessoa e verificar quais fatores estariam condicionando o seu uso.
5. E, finalmente, se a relação semântica estaria de alguma forma condicionando os possessivos de segunda e terceira pessoa, visto que SILVA (1982), em relação ao *seu(3ª)/dele* no Rio de Janeiro, pesquisa a relação *mais animado/menos animado*, MÜLLER (1997), também em relação ao *seu(3ª)/dele*, estuda a especificidade/generalidade dos referentes nos sintagmas nominais.

### **3 AMOSTRA E METODOLOGIA**

#### **2.1 COMPOSIÇÃO DO *CORPUS* E CRITÉRIO DE SELEÇÃO DOS DADOS**

Na realização dessa pesquisa foram consultadas nas entrevistas (24 entrevistas para cada cidade, um total de 96 entrevistas), do banco de dados do Projeto VARSUL a partir de um critério de busca, as diversas formas dos pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoa<sup>41</sup>. Por meio de listagens processadas pelo INTERPRETADOR<sup>42</sup>: o programa encontrou, no caso dessa pesquisa, os pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas assim como as formas genitivas (de + pronome) correspondentes a esses pronomes.

Fazem parte do banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil) entrevistas, informatizadas, de quatro cidades de cada um dos 3 estados do Sul do Brasil. Os dados foram recolhidos nas capitais e em mais três cidades de cada um dos três estados, segundo a colonização da cidade por diferentes etnias<sup>43</sup>. O VARSUL constitui banco de dados do português falado em zonas urbanas da região Sul do Brasil.

Do Paraná: Curitiba (capital), Irati (ocupação eslava), Londrina (ocupação mineiro-paulista) e Pato Branco (ocupação gaúcho-catarinense) são as cidades que serão observadas na realização deste projeto.

As entrevistas do Projeto VARSUL têm em média duração de 45 a 50 minutos cada uma, realizadas entre 1990 e 1992 e estão informatizadas.

---

<sup>41</sup> Nesta pesquisa apenas me detive às ocorrências dos pronomes e as formas genitivas de 2ª e 3ª pessoas expressos, não trato, aqui, dos dativos de posse/ético e não trato também da ocorrência zero - ausência dos pronomes possessivos.

Exemplos:

Dativo de posse: "Cuidado, porque assim **TE** quabro a cara."

Dativo ético: "Não **ME** fique grávida."

Ocorrência zero: "Agradeço a **"0"** presença no programa."

<sup>42</sup> Programa que, a partir de um critério, busca, nas entrevistas, o que lhe é solicitado. No caso desta pesquisa, o critério era a busca dos pronomes possessivos de segunda e terceira pessoas. O INTERPRETADOR, então, percorria a entrevista (a indicada) e listava as ocorrências do que lhe era solicitado. Por exemplo, na entrevista número 1 de Curitiba, buscar todas as ocorrências de *de você*.

Todas as entrevistas estão transcritas no sistema de três linhas, que inclui: 1ª linha, transcrição em ortografia corrente; 2ª linha, indicação de pausas, hesitações, velocidade e ênfase; indicações de características fonéticas relevantes; 3ª linha, classificação morfológica de cada item lexical.

Estas entrevistas estão armazenadas em disquetes, no programa ENGENSIS-VARSUL Módulo EDITOR.

A codificação dos dados se deu da seguinte forma: o INTERPRETADOR além de listar as ocorrências solicitadas (o pronome possessivo<sup>44</sup>), fornecia, também, o número da entrevista daquela ocorrência, a linha em que a tal ocorrência se dava, as referências extralingüísticas, ou seja, a cidade a qual ela, a entrevista pertencia, o grau de instrução do informante daquela entrevista selecionada (no Projeto VARSUL são três níveis de instrução: 1ª a 4ª série do 1º grau rotulada com a antiga nomenclatura de *primário*, 5ª a 8ª série do 1º grau - *ginásio*, e 2º grau), o sexo do informante (masculino e feminino) e a faixa etária do informante (A com informante de até 50 anos e a B com informante de mais de 50 anos). Com todas estas informações listadas pelo INTERPRETADOR, codifiquei então, os dados extralingüísticos e a variante do pronome possessivo ocorrente utilizada pelo falante (diversas formas do pronome possessivo de segunda ou de terceira pessoas).

Em seguida codifiquei os dados em relação aos aspectos lingüísticos: a posição que o pronome possessivo ocupava no SN; em seguida foi feita a codificação em relação ao referente do pronome possessivo (referente determinado e indeterminado<sup>45</sup>).

Foram sete colunas para cada ocorrência no *corpus*, distribuídas da seguinte forma:

---

<sup>43</sup> Peculiaridades lingüístico-etnográficas decorrentes do processo de povoamento da região.

<sup>44</sup> Os pronomes de segunda pessoa *teu, seu, de você, do senhor* (e respectivas flexões) e de terceira pessoa *seu e dele* (e respectivas flexões).

<sup>45</sup> Determinado = referentes específicos;

A 1ª coluna correspondia à cidade:

**C** para Curitiba;

**I** para Irati;

**L** para Londrina e

**P** para Pato Branco.

A 2ª coluna correspondia ao sexo do informante:

**F** para feminino e

**M** para masculino.

A 3ª coluna correspondia à faixa etária dos informantes:

**A** para a primeira faixa etária e

**B** para a segunda faixa etária.

A 4ª coluna correspondia ao grau de instrução do informante:

**1** para o primário;

**2** para o ginásio e

**3** para o secundário.

A 5ª coluna correspondia à variante do pronome possessivo utilizada pelo informante:

**Para os possessivos de segunda pessoa:**

**T** para *teu* (e flexões);

**S** para *seu* (e flexões) 2ª pessoa;

**V** para *de você(s)*;

**R** *do Senhor* (e flexões);

N para um sintagma nominal quantificado<sup>46</sup> + pronome de 2ª pessoa;

**Para os possessivos de terceira pessoa:**

L para *seu* e

D para *dele*.

Q para um sintagma nominal quantificado + pronome possessivo de 3ª pessoa.

A 6ª coluna correspondia à posição que o pronome possessivo ocupava no SN:

**d\***<sup>47</sup> artigo definido + pronome possessivo + substantivo (adjetivo)<sup>48</sup>.

**p\*** pronome demonstrativo + pronome possessivo + substantivo.

**t** pronome indefinido + (artigo definido) + substantivo + pronome possessivo.

**s** pronome possessivo + substantivo + (adjetivo substantivado).

**r** artigo definido + pronome possessivo + próprio(a,os,as) + substantivo.

**f\*** artigo definido + substantivo + pronome possessivo.

**g\*** artigo indefinido + (adjetivo) + substantivo + pronome possessivo.

**m** pronome demonstrativo + substantivo + (adjetivo) + pronome possessivo.

**c\*** numeral cardinal + substantivo + pronome possessivo.

**v** substantivo + pronome possessivo.

---

<sup>46</sup> Os quantificadores são modificadores que se combinam com os nomes em termos do tamanho do conjunto de indivíduos ou em termos da totalidade da substância que está sendo referida e que acrescentam ao que é designado alguma informação sobre a quantidade.

<sup>47</sup> O \* asterisco significa que foram incluídos, nestes casos, as ocorrências em que o núcleo do Sintagma Nominal (SN) era zero (oculto).

z pronome substantivado.

a artigo definido + substantivo + (adjetivo) + pronome possessivo.

7ª coluna correspondia à identificação do referente utilizado pelo falante.

+ para o referente determinado;

- para o referente indeterminado e

? para as ocorrências que apresentavam dificuldade na identificação do referente utilizado pelo falante.

Na primeira busca com o INTERPRETADOR foram rastreadas TODAS ocorrências de DE + PRONOME, TEU (e flexões), SEU (e flexões), DO SENHOR (e flexões). Posteriormente, numa triagem mais minuciosa, fiz uma seleção do que seria ou não pertinente para este trabalho.

Quando algumas dessas ocorrências não traduziam *propriedade semântica de posse*, ou seja, não traduziam de alguma forma uma *relação* entre um *possuído* e um *possuidor*<sup>49</sup>, elas eram descartadas do *corpus* dessa pesquisa (exemplos 55-59).

Ou se, nas ocorrências, uma certa ambigüidade, provocada pelo verbo (nestes casos) colocasse em dúvida a clareza na identificação da propriedade de posse, também eram eliminadas do grupo de observação. O exemplo (55) traduz essa situação, não é possível identificar também por causa da regência do verbo a relação de posse:

---

<sup>48</sup> A classe gramatical entre parênteses significa que ela poderia ou não ocorrer na estrutura.

<sup>49</sup> Mesmo no sentido mais amplo como os considerados por Cunha e Cintra (1985), citados no subitem "Valor seântico dos Possessivos" nesta pesquisa. E classificados para este trabalho como: Parentesco, Características psicológicas e físicas, Relação, Atribuição etc. Ver codificação nas páginas 61-63.

(55) Acho que ele vai ganhar, eu acho que o Lula não vai ganhar **DELE**, o Lula estava pra ganhar **DELE**, mas agora com [esse] – essa entrada desse dinheiro novo aí talvez [o] o Lula não tenha chance mais. (Irati, sexo masculino, faixa etária 2, primário, entrevista 19, linha 958).

Abaixo alguns exemplos de ocorrências que não funcionam como pronome possessivo, ou que eram ambíguas, e que foram, também, eliminadas do *corpus* desta pesquisa:

O exemplo (56) não representa uma construção possessiva: *de + ele* é referencia anáforica de *eles*. Locução prepositiva *apesar de + ele* (sujeito da locução verbal) *estarem remendando*. *Deles*, nesta ocorrência não possibilita a permuta por *seu/teu*.

(56) Apesar **DELES** sempre estarem remendando os buracos, mas não adianta, porque é muito ônibus, né? Que passa e caminhão pesado. (Curitiba, sexo feminino, faixa etária 1, segundo grau, entrevista 19, linha 374)

O exemplo (57) não representa uma construção possessiva. O verbo *tirar*, nesta ocorrência, exige dois complementos, um preposicionado. *Tirar* (ambíguo: *tirar alguma coisa de alguém*) *alguma coisa fotografias* (objeto direto) de alguém: *de + eles* (objeto indireto, com preposição).

(57) ...As fotos, né? As fotografias que eles tiravam **DELES** lá com canhão, com não sei o que, sabe? (Curitiba, sexo feminino, faixa etária 1).

No exemplo (58) *deles* é forma distributiva. Qual *dos meninos*, qual *de + eles*.

(58)...Um **DELES** tinha um canivete assim pontudo na mão. (Curitiba, sexo feminino, faixa etária 1, primário, entrevista 10, linha 950)

No exemplo (59) a forma *deles* não corresponde a um pronome possessivo. O verbo *cobrar* (como o verbo *tirar*) exige um complemento preposicionado e outro sem preposição: quem cobra, cobra alguma coisa

(está implícito no texto o complemento sem a preposição) de alguém *de + eles*. Nesta ocorrência também não é possível permutar *deles* por *seu/teu*.

(59)...Agora, não adianta eu cobrar **DELE** em casa e ele vai pra escola e a professora só fazer assim um visto e pronto. (Curitiba, sexo feminino, *faixa etária 1*).

O exemplo (60) é uma expressão cristalizada na língua, ou seja, essa expressão indica aproximação numérica: “mais ou menos dezesseis anos.”

(60)...E daí eles pegaram, vamos supor, a piazada, tá? De **SEUS** dezesseis, dezessete anos, foram tudo trabalhar na, quer dizer, então daí você não via mais criança brincando da rua. (Curitiba, sexo masculino, *faixa etária 1*).

O exemplo (61) apesar de constituir uma relação possessiva não fez parte dos dados selecionados para análise por se tratar de discurso relatado<sup>50</sup>.

(61)”...credo com a senhora, dona Arlete, o que que a senhora ensinou pras **SUAS** filhas que não deixam passar um dia sem, né?” (Irati, sexo feminino, *faixa etária 2*)

O exemplo (62) o verbo *ter* é ambíguo: *ter mágoa dela*. A *mágoa* é de quem? A *mágoa* que ela (de + ela) sente, a *sua* mágoa

(62)...não que eu tenha mágoa **DELA**. (Pato Branco, sexo masculino, *faixa etária 1*).

Serão utilizadas para os fins desta pesquisa apenas as ocorrências em que as formas *seu*, *dele*, *teu*, *de você* e *do senhor* (e respectivas flexões)

<sup>50</sup> Ou ainda quando se possa perceber que o falante esteja lendo, citando ou reproduzindo textualmente a fala de outro.

são usadas pelos falantes em função claramente de pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas. Serão desconsideradas as situações de uso em que o pronome é objeto indireto, como nos exemplos (57), (59) e (62), e não desempenhe função possessiva. Gostar de alguém - *de você*:

(62) Eu gosto por causa da tranquilidade, por causa da amizade que você tem com as pessoas, você pode sair, você sabe que ali você encontra um, você encontra um outro, você tem sempre aquela aglomeração de gente que você sabe *que gosta DE VOCÊ*, sabe? (Irati, entrevista 9)

Quando *seu* é evolução de *senhor* (53):

(63) O **SEU** João Ortega aí é gente boa. (Londrina, entrevista 14)

Apenas devo ressaltar que, para este trabalho, quando percebia que o informante estava citando-se, ou seja, reproduzindo o próprio discurso na ocasião da entrevista, como em (64), essa reprodução fez parte dos dados utilizados neste projeto.

(64) Eu sei, realmente não sei do **SEU** problema, mas a senhora tem que ver que esse médico é muito procurado (est) que eu marco com trinta dias de antecedência. (Curitiba, sexo feminino, *faixa etária 1*)

Após a essa criteriosa seleção dos dados, a próxima etapa foi a organização dos possessivos em arquivos para posteriormente fazer as devidas rodadas, quantificação dos dados. Utilizei o pacote estatístico

VARBRUL<sup>51</sup> (versão 1998) que possibilita o tratamento matemático - estatístico da frequência das ocorrências dos dados.

Os dados foram analisados estatisticamente de maneira a possibilitar três análises complementares, ou seja, a cada uma das três rodadas realizadas era utilizado como variável dependente um fator para cada quantificação (lingüístico/extralingüístico). Isso significa dizer que as variáveis independentes, a cada uma dessas três rodadas, eram comparadas a variáveis dependentes distintas.

Nesta primeira rodada, na análise estatística, com todos os dados codificados, e com as variáveis dependentes relacionadas ao amálgama dos pronomes possessivos de segunda de terceira pessoas, foram detectados sete nocautes (o número das ocorrências não tem distribuição suficiente, no *corpus*, que permita análise estatística de esses dados: alguma célula deixa de ser preenchida e então se caracteriza esse tipo de nocaute): o primeiro nocaute relacionado a variante do pronome possessivo utilizada pelo falante, quatro nocautes relacionados à posição do pronome possessivo no SN e dois nocautes relacionados ao valor semântico do pronome possessivo.

O primeiro nocaute: com o possessivo de segunda pessoa DO SENHOR (= O SENHOR/A SENHORA), que ocorreu quatro vezes no *corpus*, uma em Irati e três Londrina.

(65) É Valdemar Batista o nome **DO SENHOR**, e ela é Aparecida. (Irati, sexo feminino, faixa etária 2, entrevista 10, linha 474)

(66) Tudo bem, como é que é o nome **DA SENHORA**? (Londrina, sexo masculino, faixa etária 1, entrevista 15, linha 1221)

(67) Como é que é o nome **DO SENHOR**? (Londrina, sexo masculino, faixa etária 1, entrevista 15, linha 1223)

---

<sup>51</sup> Para maiores informações sobre o Pacote Estatístico VARBRUL consultar: SCHERRE (1993).

(68) Como é que foi o casamento **DA SENHORA**? (Londrina, sexo feminino, faixa etária 2, segundo grau, entrevista 9, linha 794).

Os outros quatro nocautes foram em relação à posição que o pronome possessivo ocupava no SN.

São os seguintes: em um total de três ocorrências:

Apenas uma ocorrência (em Irati) a estrutura

$p^{*52}$  = pronome demonstrativo + pronome possessivo + substantivo.

(69) Deus se enxerga através dessa **TUA** vivência boa, você consegue está tranqüilo, consegue ajudar alguém porque [você] - você está bem. (Irati, sexo masculino, faixa etária 1, primário, entrevista 13, linha 555)

Com duas ocorrências em Londrina:

(70) Então você precisa desse **TEU** ideal cristão para que você tenha uma firmeza no teu caráter. (Londrina, sexo feminino, faixa etária 1, ginásio, entrevista 5, linha 387)

(71) Se você pegar esse **TEU** gravador, entrar lá, eles vão abrir teu gravador pra ver se não tem um estoque. (Londrina, sexo masculino, faixa etária 1, segundo grau, entrevista 15, linha 624).

A estrutura **r** = artigo definido + pronome possessivo + (próprio(a,os,as)) + substantivo, ocorreu apenas uma vez em Irati.

(72) Eu acho que uma escola tem que ter - tem que andar com as **SUAS** próprias pernas, eu acho que casa cultura e secretaria de culturas, ela tem que procurar, como a Luzia falar, usando o termo dela, procurar talentos, né? Sempre procuramos talentos, né? E a gente descobre, só que a gente dá um impulso, e as pessoas tem que andar, e as escolas a mesma coisa, a gente dá uma ajuda e vai se virar, vai sair em firmas e patrocínio, e faça sua escola. (Irati, sexo masculino, faixa etária 1)

<sup>52</sup> É importante retomar aqui a informação sobre a estrutura do SN: a classe gramatical entre parênteses pode ou não ocorrer nessa estrutura.

A estrutura **c\*** = numeral cardinal (pronome indefinido) + substantivo + pronome possessivo

Ocorreu quatro vezes, sendo que três vezes em Curitiba, e uma vez em Londrina:

(73) É bem antiga essa música, quer dizer, antiga, é uma das primeiras **DELE**, né? Muito bom. (Curitiba, sexo feminino, faixa etária 2, ginásio, entrevista 23, linha 808).

(74) Foi o primeiro ano o primeiro mandato **DELE**, foi feito em conjunto com o governo, né? Prefeitura e governo de Álvaro Dias e o Jaime Lerner que fizeram, vamos supor essa divisória da Manoel Ribas e a via Veneto. (Curitiba, sexo masculino, faixa etária 1, primário, entrevista 1, linha 1211)

(75) Quem iniciou foi o Jaime Lerner, na primeira gestão **DELE**. (Curitiba, sexo masculino, faixa etária 2, primário, entrevista 13, linha 1589)

Uma ocorrência em Londrina:

(76) É justamente isso que nós temos, é um ponto de apoio ao caminhoneiro, tá? É, eles vêm é – de longe, muitas pessoas lógico é da região, tá? Conhece a gente, né? É daqui da cidade, mas é a maioria deles vem de fora, tá? É vêm as vezes com a família dentro do caminhão, as vezes com criança, né? Então de repente a criança passa mal, ou o caminhoneiro passa mal, então a gente tem levado até pessoas pro hospital, né? É – atendendo é – eles nesse sentido de atender bem, né? Como se fosse a segunda casa **DELES**, né? Certo? (Londrina, sexo masculino, faixa etária 1, ginásio, entrevista 17, linha 93)

A estrutura **a** = artigo definido + substantivo + adjetivo + pronome possessivo, ocorreu sete vezes no *corpus*, distribuída da seguinte maneira:

Cinco vezes em Curitiba:

(77) Aí você pode dar uma olhada no esqueleto inteiro **DELE**, né? (Curitiba, sexo masculino, faixa etária 1, segundo grau, entrevista 3, linha 71)

(78) A vida inteira **DELES** e tal. (Curitiba, sexo masculino, faixa etária 1, segundo grau, entrevista 3, linha 1431)

(79) Então é melhor as pessoas ganharem cem mil por mês e saberem que vivem com cem mil por mês e nunca subir e sempre ganhar os cem mil, do que ser adiantado pra duzentos e trinta e a cesta básica **DELES** vai pra duzentos e cinquenta. (Curitiba, sexo masculino, faixa etária 1, primário, entrevista 7, linha 974)

(80) Era bom, né? Pra quem depende da linha certa **DELE** é muito bom, né? (Curitiba, sexo masculino, faixa etária 1, entrevista 7, linha 99)

(81) Isso é a vida particular **DELE**. (Curitiba, sexo masculino, faixa etária 1, ginásio, entrevista 11, linha 653)

E duas vezes em Irati:

(82) A gente fica analisando as boas qualidades **DELE**, depois a gente pode dar informações, né? Pode escolher uma pessoa pra ser o representante padrão, operário-padrão, como é o caso desse elemento lá, esse meu colega. (Irati, sexo masculino, faixa etária 1, segundo grau, entrevista 16, linha 564)

(83) Não o prato típico **DELES** é barreado, né? Eu não gostei do barreado. (Irati, sexo masculino, faixa etária 2, primário, entrevista 19, linha 688)

Este nocaute, além de não possibilitar análise estatística devido a sua distribuição no *corpus*, caracteriza também um nocaute categórico, ou seja, todas as ocorrências, apesar do número reduzido, se deram com o pronome *dele* (e flexões), não houve ocorrência da estrutura **a** com outra variante de pronome possessivo.

A rodada seguinte a variável dependente passa a ser os pronomes possessivos *seu* (3<sup>a</sup>) pessoa e *dele*. Esta rodada apresentou oito nocautes: sete em relação a posição do pronome possessivo no SN com as estruturas **d, v, g, t, c, a e r** e um nocaute em relação a variante do possessivo **DO SENHOR**. Para esta rodada, como o objetivo era observar os pronomes de terceira pessoa, os pronomes de segunda pessoa ficaram fora desta rodada<sup>53</sup>.

<sup>53</sup> O Pacote estatístico VARBRUL permite que, na quantificação do dados, os fatores que não sejam pertinentes para aquela rodada em questão não sejam lidos. Por exemplo: na comparação entre os pronomes de terceira pessoa *seu/dele*, os pronomes de segunda não foram lidos.

O objetivo com essa rodada era verificar em que ambiente lingüístico/extralingüísticos estes pronomes ocorrem: posição no SN, determinação referente, relação semântica entre estes pronomes e os nomes com os quais eles constroem um SN; se a colonização da cidade tem alguma influência na escolha deste pronomes, se o sexo do entrevistado é um fator que determina o uso destes pronomes, se a faixa etária do falante influencia o uso que se faz deles e se o grau de escolarização determina a escolha destes pronomes.

Com a terceira rodada, a variável dependente passa a ser os pronomes de segunda pessoa *seu* e *teu*. É importante ressaltar aqui que o programa IVARB2000<sup>54</sup> só permite até duas variantes do grupo dependente que se deseja comparar com os demais grupos; dessa forma foi preciso desconsiderar a variante de segunda pessoa *do senhor*, e os pronomes de terceira pessoa *seu*, *dele* e os pronomes precedidos de quantificadores.

Nesta rodada foram registrados onze nocautes: seis em relação à posição do pronome no SN nas estruturas **m, z, t, g, f, p** e cinco relacionados à semântica dos possessivos, com os grupos **0, 8, 6, 9** e \*<sup>55</sup>.

O objetivo era, além da frequência deles no *corpus*, observar o ambiente lingüístico/extralingüísticos em que eles estão inseridos (sexo, grau de instrução e faixa etária dos informantes etc.).

Como complementação deste trabalho resolvemos verificar a relação semântica entre os dois elementos envolvidos na relação de posse com o objetivo de verificar, sobretudo com os pronomes de terceira pessoa, se há um condicionamento semântico entre os possessivos nos SN's<sup>56</sup>.

<sup>54</sup> O Pacote Estatístico VARBRUL permite também comparações, com o programa TVARB e MVARB entre mais de duas variantes do grupo dependente, mas o resultado mais preciso se dá na comparação entre duas variantes.

<sup>55</sup> Ver codificação dos dados neste capítulo.

<sup>56</sup> Outras rodadas foram realizadas, como por exemplo, comparar os pronomes *teu/seu* (e flexões) com a forma genitiva *de você* (e flexões), mas foram tantos os nocautes (doze na comparação entre *teu* e *de você*; nove na comparação entre *seu* (2ª) e *de você*), que impossibilitaram quantificação dessas rodadas.

Em princípio discutimos que conceito estávamos levando em conta quando da seleção dos dados e chegamos à conclusão que não só considerávamos *posse* a relação bastante *clara* entre um *possuidor* (que realmente possuía) e um *possuído* (que realmente pertencia a alguém), mas também as relações de *parentesco*, a chamada *posse inalienável*, a *posse temporária*, também o que chamamos *pertencimento*<sup>57</sup>. Os dados foram codificados da seguinte forma:

### **Codificação semântica da relação possuído/possuidor:**

**0** para as ocorrências que não era possível identificar um dos elementos da relação.

Exemplo:

(84) O **DE VOCÊS** lá acho que vive lotado. (Curitiba, sexo feminino, faixa etária 1, primário, entrevista 19, linha 418).

**4** para *Posse Inalienável*: partes do corpo, alma, espírito...

Exemplo:

(85) Então ele se grudou nas minhas pernas assim, sabe? E ficou chorando aqui e eu dando na bundinha **DELE**. (Curitiba, sexo feminino, faixa etária 1, segundo grau, entrevista 19, linha 316)

**5** para *Posse Temporária*.

A posse propriamente dita. Tudo o que pertence temporariamente a alguém, de preferência que seja concreto.

Exemplo:

(86) Inclusive, até o Toti, né? Que é deputado, até a casa **DELA**. (Irati, sexo feminino, faixa etária 1, segundo grau, entrevista 3, linha 580)

---

<sup>57</sup> Ver significado dos grupos: parentesco, inalienável, temporária, pertencimento e etc. no subitem o Valor dos Possessivos.

6 para *Pertencimento*: grupo, ambiente, tempo, época etc.

Exemplo:

(87) Quem iniciou foi o Jaime Lerner, na primeira gestão **DELE**. (Curitiba, sexo masculino, segunda faixa etária, entrevista 1)

7 para *Parentesco*: qualquer relação familiar.

Exemplo:

(88) O irmão **DELA** era o mais atrasado, ou seja, outra classe mais atrasada mas também estudou junto. (Curitiba, sexo masculino, faixa etária 2)

8 para *Autoral*: produção de alguém, parte em uma obra etc.

Exemplo:

(89) Muito interessante ele, que já não vou dizer que leio o livro **DELE**, mas eu conversei com ele, eu e meus irmãos, então muito interessante conversar com pessoas assim, né? Que tem - são poetas, escritores, né? (Irati, sexo masculino, faixa etária 1).

! para as *Características psicológicas e pessoais*: jeito, beleza, raiva, brutalidade, sonhos, desejos etc.

Exemplo:

(90) É o modo **DELE** conversar. (Irati, sexo masculino, faixa etária 1).

9 para *Relacionamentos*: qualquer relação pessoal que não seja familiar: com o chefe, o empregado, o namorado, o vizinho etc.

Exemplo:

(91) Meu marido está mexendo com advogado, lá um colega **DELE**, sabe? (Londrina, sexo feminino, faixa etária 1).

\* para *Atribuição*: qualquer *coisa* que alguém atribua a outra pessoa, como sendo próprio dela, fazendo parte dela<sup>58</sup> ..

Exemplo:

(92) No cinema eu assisti bastante filme **DELA**. (Curitiba, sexo feminino, faixa etária 2).

---

<sup>58</sup> Os resultados serão apresentados no próximo capítulo.

## 4. ANÁLISE DOS DADOS

### 3.1 ANÁLISE GERAL DOS DADOS

A primeira rodada<sup>59</sup>, quantificação dos dados, do *corpus* correspondente às quatro cidades do Paraná (Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco) trouxe os seguintes resultados: foram 1676 ocorrências de pronomes possessivos (segunda e terceira pessoas), sendo que dessas ocorrências 1415 foram de utilização do pronome de terceira pessoa, distribuídos da seguinte forma:

No quadro 1A mostro as ocorrências dos pronomes possessivos de terceira pessoa e a quantidade de vezes em que eles apareceram em cada uma das quatro cidades no *corpus*.

QUADRO 1A – Distribuição dos pronomes de terceira pessoa no <i>corpus</i>									
Pronomes	Curitiba		Irati		Londrina		Pato Branco		total
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	
<b>Dele</b>	<b>273</b>	24	<b>335</b>	29	<b>288</b>	25	<b>252</b>	22	<b>1148</b>
<b>Seu</b>	<b>49</b>	25	<b>53</b>	27	<b>35</b>	18	<b>59</b>	30	<b>196</b>
SN quantifica do + <b>seu</b>	<b>33</b>	46	<b>16</b>	23	<b>10</b>	14	<b>12</b>	17	<b>71</b>

Todas as ocorrências com quantificadores se deram com a forma *seu* 3ª (e flexões), nenhum quantificador precedeu o uso da forma *dele* (e flexões) ou de qualquer outra forma de segunda pessoa.

<sup>59</sup> Rodada significa a análise estatística dos dados realizada pelo programa VARBRUL.

Assim sendo é possível afirmar que a ocorrência de sintagmas nominais quantificados é categórica com a forma *seu* (3ª pessoa), corroborando com o resultado de ALMEIDA (1993, *apud* MÜLLER 1997: 62).

(93) Cada um proprietário pagou **SUA** parte, então por isso que a gente tem o antipó daqui até lá em cima. (Curitiba, sexo feminino, faixa etária 1, primário, entrevista 10, linha 197)

(94) Cada proprietário comprou **SEU** terreno, desmancharam a casa e venderem, tiraram do lugar. (Curitiba, sexo feminino, faixa etária 1, primário, entrevista 10, linha 418)

(95) A sociedade foi desfeita e cada um tomou o **SEU** rumo, né? (Pato Branco, sexo masculino, primeira faixa etária, ginásio, entrevista 16, linha 610)

É possível afirmar, com base nos resultados desse *corpus* (em números absolutos), que o pronome possessivo *dele*, em contraponto com o que afirma a maior parte dos gramáticos normativos (e também com os resultados de NEVES (1993) que constatou no *corpus* de sua pesquisa<sup>60</sup> a preferência, na língua oral<sup>61</sup>, pela forma *seu* para a terceira pessoa,) é o pronome possessivo de terceira pessoa, corroborando, dessa forma, com as observações de MEIER (1948, *apud* SILVA & SCHERRE, 1996) e PERINI (1985) e com os resultados de SILVA (1996) e MÜLLER (1997). É importante ressaltar que o pronome *seu* 3ª (e flexões) é bastante presente no *corpus* se compararmos ao seu correlato de segunda pessoa: são 196 ocorrências como pronome de terceira e apenas 21 como pronome de segunda pessoa.

Quanto à distribuição dos pronomes possessivos de segunda pessoa no *corpus*, os números são os seguintes:

<sup>60</sup> Retratada, nesta pesquisa, nas páginas 25-27. Para maiores informações sobre o trabalho de NEVES ver Gramática do Português Falado. Volume III.

<sup>61</sup> *Corpus* do NURC

No quadro 2A mostro as ocorrências dos pronomes possessivos de segunda pessoa em cada uma das quatro cidades.

<b>QUADRO 2A – Distribuição dos pronomes de segunda pessoa no corpus</b>									
<b>Pronome<sup>s</sup></b>	<b>Curitiba</b>		<b>Irati</b>		<b>Londrina</b>		<b>Pato Branco</b>		<b>Total</b>
	<b>N.º</b>	<b>%</b>	<b>N.º</b>	<b>%</b>	<b>N.º</b>	<b>%</b>	<b>N.º</b>	<b>%</b>	
<b>Teu</b>	<b>51</b>	<b>23</b>	<b>79</b>	<b>35</b>	<b>62</b>	<b>28</b>	<b>33</b>	<b>15</b>	<b>225</b>
<b>Seu</b>	<b>4</b>	<b>19</b>	<b>3</b>	<b>14</b>	<b>13</b>	<b>62</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>21</b>
<b>de você(s)</b>	<b>2</b>	<b>18</b>	<b>3</b>	<b>27</b>	<b>2</b>	<b>18</b>	<b>4</b>	<b>36</b>	<b>11</b>
<b>do senhor</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>25</b>	<b>3</b>	<b>75</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>4</b>

Em relação à baixa ocorrência do pronome possessivo de segunda pessoa *do senhor* (e flexões) acho conveniente relatar aqui o fato de, quando da entrevista, instituir-se uma relação informal entre entrevistador e entrevistado, portanto fica prejudicado o aparecimento das ocorrências mais formais, tais como *senhor, senhora*.

Em relação à baixa ocorrência da forma genitiva *de vocês* talvez fossem necessárias estratégias mais adequadas para que esta forma de fato fosse utilizada pelos informantes no ambiente das entrevistas. MENON (1996: 98) afirma<sup>62</sup> ser necessário, para que esse pronome seja utilizado, possibilidades de muitos diálogos com referência a mais de um interlocutor ou um locutor se dirigindo a vários ouvintes.

<sup>62</sup> Citação da página 7, nessa pesquisa.

Os números absolutos não permitem uma análise criteriosa, dessa forma os quadros que serão apresentados a seguir tratam das ocorrências em termos de *percentual e peso relativo*, além dos números absolutos.

Apresentarei os resultados obtidos em relação aos pronomes possessivos de segunda<sup>63</sup> e terceira pessoa<sup>64</sup>:

Em relação ao fator localidade e os pronomes de segunda *seu/teu* o resultado é o seguinte:

Curitiba capital

Irati (eslava)

Londrina (mineiro-paulista)

Pato Branco (gaúcho-catarinense)

<b>Quadro – 3A – fator localidade e os pronomes <i>seu/teu</i></b>						
<b>Localidade</b>		<b>Curitiba</b>	<b>Irati</b>	<b>Londrina</b>	<b>Pato</b>	<b>Total</b>
<b>Teu</b>	<b>ocorrência</b>	30	55	49	28	162
	<b>percentual</b>	88%	95%	79%	97%	
	<b>peso</b>	.41	<b>.77</b>	.16	<b>.82</b>	
<b>Seu</b>	<b>ocorrência</b>	4	3	13	1	21
	<b>percentual</b>	12%	5%	21%	3%	
	<b>peso</b>	<b>.59</b>	.23	<b>.84</b>	.18	

Em relação à etnia e a escolha dos pronomes possessivos é possível fazer as seguintes observações: a cidade de Pato Branco foi colonizada por gaúchos e catarinenses, nos Estados correspondentes a estas capitais

<sup>63</sup> No programa VARBWIN (versão 1988) o programa estatístico IVARB2000- só permite utilizar, na escolha da variável dependente, um conjunto de até duas variantes que se deseja comparar com os demais grupos, as variáveis independentes. Dessa forma não utilizei as ocorrências da variante DO SENHOR/DA SENHORA (quatro ocorrências) e as de DE VOCÊ(S) (onze ocorrências), mesmo porque incluídas estas variantes, elas caracterizariam nocaute, por conta das poucas ocorrências e distribuição delas no *corpus*.

Rio Grande do Sul e Santa Catarina, respectivamente, o uso do pronome *tu* é bastante comum (MENON, 1998). Este fato poderia indicar que quando da utilização dos possessivos de segunda pessoa o pronome correspondente ao *tu* - teu (e flexões) fosse bastante utilizado, na cidade colonizada por gaúchos e catarinenses.

E, a partir da análise dos pesos relativos, é exatamente isso o que ocorre em relação ao uso do pronome *teu* (e flexões). Na cidade de Pato Branco encontramos o maior peso, percentual e números de ocorrências em relação ao *teu* (e flexões).

Na cidade de Londrina, colonizada por mineiros e paulistas, o pronome *seu*<sup>65</sup> (e flexões) de segunda pessoa, tem o peso relativo significante **.84**. É possível justificar este peso tendo em vista a colonização da cidade. Em São Paulo e Minas Gerais o pronome de segunda pessoa é o pronome *seu* (e flexões) e, dessa forma, o fato de Londrina ter sido colonizada por mineiros e paulistas poderia estar influenciando o uso desse pronome nesta localidade.

Mas poderia causar alguma estranheza o fato de em **Londrina** o número de ocorrências com o pronome *teu* (49) ser superior ao número de ocorrências com o pronome *seu* (13) e ainda assim o peso do pronome *seu* (**.84**) ser muito superior ao peso do pronome *teu* (**.16**).

O que estaria, na verdade, fazendo com que o peso maior recaia sobre o pronome *seu*, apesar do número menor de ocorrências, é o fato de que, o programa VARB2000, quando da quantificação dos dados, faz as seguintes operações: compara a variável dependente às independentes e seleciona entre estas as mais significantes em relação àquela, ou seja, mostra quais fatores são os mais relevantes quando das ocorrências, neste caso, dos possessivos *seu/teu*.

---

<sup>64</sup> Não utilizei as ocorrências do possessivo *seu* 3ª pessoas precedido de quantificador.

<sup>65</sup> Ver Trabalhos de Perini (1985) e Monteiro (1994).

Em um segundo momento o programa torna a comparar as variáveis (independentes anteriormente selecionadas e as não selecionadas também) para verificar se realmente são, ou não, relevantes no uso dos pronomes, como se fosse uma *prova real*, utilizando outra estratégia.

Para com os possessivos de segunda pessoa o programa selecionou, primeiramente, como sendo as variáveis independentes mais significativas os fatores **determinação do referente** (referente determinado ou indeterminado), **posição do pronome no SN** (estruturas<sup>66</sup> **d** e **s**) e a **localidade** (Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco). Posteriormente, na segunda verificação, na *prova real*, o programa selecionou, então, como sendo as variáveis independentes relevantes, em ordem de seleção, **faixa etária** (A e B), **localidade** (cidades) **grau de escolarização** (primário, ginásio e segundo grau). Estes são os fatores que, em cada ocorrência do possessivo de segunda pessoa, estão influenciando no peso atribuído aos possessivos de segunda pessoa.

Estas serão as condições previstas como **significativas** pelo programa, significa dizer que a possibilidade de aquela variante ocorrer(a de peso alto e poucas ocorrências) vai ser mais alta do que com qualquer outra, em outras condições **não** consideradas **significativas** pelo programa.

Um outro aspecto, não menos importante, é o fato de que o programa, na distribuição estatística, considera, no caso de um mesmo falante usar repetidas vezes a mesma variante, e uma outra variante for melhor distribuída no *corpus* - ou seja, vários informantes usam-na de forma regular, o programa vai considerar estatisticamente mais relevante as ocorrências com a maior distribuição que aquela usada (mesmo que em um maior número de vezes) por apenas um único informante.

---

<sup>66</sup> Estrutura **d**: artigo definido + pronome possessivo + substantivo + (adjetivo); **s**: pronome possessivo + substantivo + (adjetivo).

Em Curitiba, por exemplo, apesar do número menor de ocorrência do pronome *seu* (4), temos o maior peso com esse pronome (.59). Observamos as quatro ocorrências desse pronome no *corpus* para verificar, de fato, o que estaria favorecendo o peso atribuído ao pronome *seu* (e flexões) nesta cidade, visto que o número de ocorrências em relação ao *teu* (30), é inferior.

(96) É só você ajoelhar lá no **SEU** quartinho e pedir pra deus sozinha.  
(Curitiba, sexo feminino, **primeira faixa etária**, **primário**, posse temporária, retomada indeterminada do referente, entrevista 8)

(97) Enfeita **SUA** casa, é o melhor proveito.  
(Curitiba, sexo feminino, **primeira faixa etária**, **primário**, posse temporária, retomada do referente indeterminado, entrevista 8)

(98) Que você já tem aquele nível teu de como levar a **SUA** vida.  
(Curitiba, sexo feminino, **segunda faixa etária**, **ginásio**, posse inalienável, retomada do referente indeterminada, entrevista 4)

(99) Da **SUA** avó.  
(Curitiba, sexo feminino, **segunda faixa etária**, **primário**, posse de Parentesco, retomada do referente determinada, entrevista 14)

O peso, na verdade, não é o mais importante, mas as condições previstas como significativas. Esta variante, *seu*, tem mais possibilidade de ocorrer do que qualquer outra naquelas condições tidas como significativas.

No caso de Irati, ocupação eslava, e o peso do pronome *teu* (e flexões) ser bastante significativo .77, pode ser explicado simplesmente por conta do número de ocorrências. É importante observar que, esta cidade, em relação ao uso do pronome de segunda pessoa, pode ser considerada uma zona conservadora, visto que a forma *seu* seria a forma,

em termos de Brasil<sup>67</sup>, mais difundida como pronome de segunda pessoa, ou seja, a cidade de Irati preserva a forma canônica<sup>68</sup> *teu* (e flexões), restrita a algumas regiões do país.

Quanto aos pronomes de terceira pessoa temos em relação ao fator localidade o seguinte resultado:

QUADRO 3B – fator localidade <sup>69</sup> e os pronomes de terceira pessoa <i>seu/dele</i>						
Cidades		Curitiba	Irati	Londrina	Pato	total
<b>Dele</b>	Ocorrência	235	299	257	224	1015
	Percentual	90%	93%	94%	94%	
	peso	.43	.43	<b>.64</b>	.50	
<b>Seu</b>	Ocorrência	25	23	17	14	79
	Percentual	10%	7%	6%	6%	
	peso	<b>.57</b>	<b>.57</b>	.36	.50	

Para com os pronomes de terceira pessoa *seu/dele* o programa VARB2000 selecionou como sendo as condições previstas como **significativas**: a **posição do pronome no SN** e a **localização**. Em uma segunda etapa, aquela em que o programa, utilizando uma outra estratégia, refaz a rodada (incluindo também as variáveis não estatisticamente relevantes) para confirmar ou não se as variáveis anteriormente selecionadas continuam sendo **significativas** para a análise dos dados, o programa, então, confirma aquelas condições como sendo as mais

<sup>67</sup> Ver resultado da pesquisa de MONTEIRO 1994, retratado nesta pesquisa na página 18.

<sup>68</sup> De acordo com os postulados da Gramática Normativa.

<sup>69</sup> Curitiba: capital; Irati: ocupação eslava; Londrina: ocupação mineiro-paulista e Pato Branco: ocupação gaúcho-catarinense.

favoráveis para que ocorram as variantes, neste caso *seu/dele*. Estas variáveis estarão, de alguma forma, favorecendo o peso de cada uma das ocorrências *seu/dele* em relação às outras variáveis.

O número de ocorrências do pronome *dele* (em todas as cidades do *corpus*) é extremamente superior ao número de ocorrências do pronome *seu* 3ª pessoa, porém isso não significa que o peso maior sempre irá recair sobre aquele pronome, porque, como já foi dito, **as condições significativas** estarão influenciando na distribuição dos pesos. Nas cidades de Irati e Curitiba, por exemplo, o peso maior recai sobre o uso do pronome *seu*.

Nas cidades de Curitiba e Irati apesar do peso do pronome *dele* .43 não ser muito inferior ao peso atribuído ao pronome *seu*<sup>70</sup> .57, há certo favorecimento para que esta variante ocorra com maior frequência que aquela, nestas cidades.

E ainda se compararmos este resultado com o resultado dos pronomes de segunda pessoa, temos em Curitiba – em decorrência das condições previstas pelo programa como sendo as mais significativas - maior peso com o pronome *seu* tanto para segunda (apesar do pequeno número de ocorrências) quanto para a terceira pessoa, ao contrário do que se constatou em outras pesquisas (Silva 1982) (Monteiro 1994) as quais concluíram pela preferência do uso da forma *dele* como sendo o pronome de terceira pessoa na língua oral, nos respectivos *corpora*. Porém o resultado da pesquisa de Neves (1993) constatou que a forma *seu* é *altamente preferida* na língua oral, em São Paulo, em detrimento da forma *dele*<sup>71</sup>, resultado similar obtido em Curitiba.

Na cidade de Pato Branco, por exemplo, o número de ocorrências do pronome *dele* é muito superior ao número de ocorrências do pronome *seu*,

<sup>70</sup> Não estão incluídas as ocorrências do SN quantificado + seu.

<sup>71</sup> *Seu* 68.3% e *dele* 31.7%.

mas o peso, entre as duas variantes, é equilibrado, ou seja, **.50** para cada uma das variantes.

O quer pode ter favorecido este resultado, do peso relativo apesar do número de ocorrências, é o fato de que as ocorrências de Pato Branco, com o pronome *seu* serem mais significativas em relação ao uso dessas formas em sua distribuição no *corpus*; e também os fatores selecionados como significantes, pelo programa, em relação aos pronomes de terceira, também podem estar influenciando o peso dessas ocorrências.

Em Londrina é importante observar que a variante *dele* foi a que obteve o maior peso relativo, além do número de ocorrências e percentual serem absolutamente superior à variante *seu*.

O fato de essa cidade ter sido colonizada por mineiros e paulistas, também poderia significar forte tendência para que o pronome *dele* fosse a forma escolhida entre os falantes dessa localidade, visto que nesta cidade (Londrina) o pronome de segunda pessoa foi o possessivo *seu* (e flexões).

Em relação ao fator faixa etária do informante e o uso dos pronomes de segunda *seu/teu* temos os seguintes resultados:

<b>QUADRO 4A - o fator faixa etária do informante e os pronomes de segunda pessoa <i>seu/teu</i></b>				
<b>Faixa etária</b>		<b>A até 50 anos</b>	<b>B acima de 50 anos</b>	<b>total</b>
<b>Teu</b>	<b>Ocorrência</b>	107	55	162
	<b>Percentual</b>	92%	82%	
	<b>Peso</b>	<b>.62</b>	<b>.30</b>	
<b>Seu</b>	<b>Ocorrência</b>	9	12	21
	<b>Percentual</b>	8%	18%	
	<b>Peso</b>	<b>.38</b>	<b>.70</b>	

Os falantes da primeira faixa etária usam mais o pronome possessivo *teu* (e flexões) para a segunda pessoa enquanto que os informantes da segunda faixa etária preferem a forma *seu* (e flexões), reforçando a hipótese de que é uma forma mais conservadora.

Quanto ao fator faixa etária do informante e os pronomes de terceira temos o seguinte resultado:

<b>QUADRO 4B – faixa etária do informante e os pronomes de terceira pessoa <i>seu/dele</i></b>				
<b>Faixa etária do informante</b>		<b>A até 50 anos</b>	<b>B acima de 50 anos</b>	<b>total</b>
<b>Dele</b>	<b>Ocorrência</b>	486	429	1015
	<b>Percentual</b>	95%	90%	
	<b>peso</b>	.55	.43	
<b>Seu</b>	<b>Ocorrência</b>	31	48	79
	<b>Percentual</b>	5%	10%	
	<b>peso</b>	.45	.57	

Em relação às faixas etárias e o uso dos possessivos podemos afirmar que a primeira faixa etária tende às inovações se compararmos o resultado acima com os postulados da GN. Pois há favorecimento para que a faixa etária A (informantes de até cinquenta nos) use a forma *dele* (e flexões), sendo uma forma “inovadora” é natural que surja entre pessoas mais jovens; enquanto que a faixa etária B (informantes com idade acima de cinquenta nos) use mais a forma *seu* (e flexões), mais conservadora.

O que pode significar que a forma *dele*, mais utilizada pela faixa etária A (os mais jovens), esteja, então, se especializando como a forma possessiva de terceira pessoa.

Quanto ao fator sexo do entrevistado e a escolha do pronome de segunda *seu/teu* o quadro 5A nos mostra:

<b>QUADRO 5A – fator sexo do entrevistado e os pronomes <i>seu/teu</i></b>				
<b>Sexo do entrevistado</b>		<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>total</b>
<b>Teu</b>	<b>Ocorrência</b>	79	83	162
	<b>Percentual</b>	88%	89%	
	<b>peso</b>	.52	.48	
<b>Seu</b>	<b>Ocorrência</b>	11	10	21
	<b>Percentual</b>	12%	11%	
	<b>peso</b>	.48	.52	

Este fator não nos traz grandes informações à respeito da influência do sexo do entrevistado e a escolha dos pronomes de segunda pessoa. Podermos dizer que há um certo favorecimento para o uso da forma *teu* pelas mulheres e para com os homens o uso da forma *seu*.

É mais ou menos equilibrada a relação sexo do entrevistado e a escolha dos possessivos de segunda pessoa.

Quanto aos possessivos de terceira pessoa e o fator sexo do informante, o quadro 5B nos mostra:

<b>QUADRO 5B – fator sexo do informante e os pronomes de terceira pessoa <i>seu/dele</i></b>				
<b>Sexo do informante</b>		<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>total</b>
<b>Dele</b>	<b>Ocorrência</b>	604	411	1015
	<b>Percentual</b>	95%	90%	
	<b>peso</b>	.57	.40	
<b>Seu</b>	<b>Ocorrência</b>	31	48	79
	<b>Percentual</b>	5%	10%	
	<b>peso</b>	.43	.60	

Que o sexo feminino usa mais a forma *dele* e que o sexo masculino usa mais a forma *seu* para a terceira pessoa. O sexo feminino seria, então, mais inovador quanto à escolha dos possessivos de terceira ( mais conservador quanto aos de segunda pessoa) e o sexo masculino mais conservador quanto aos pronomes de terceira (e mais inovador quanto aos pronomes de segunda).

Em relação ao fator grau de escolarização e o uso das formas *seu/teu* temos os seguintes resultados:

QUADRO 6A – fator grau de escolarização e as formas <i>seu/teu</i>					
Grau de escolarização		Primário	Ginásio	Segundo grau	total
<b>Teu</b>	<b>ocorrência</b>	47	38	77	162
	<b>percentual</b>	82%	90%	92%	
	<b>peso</b>	.21	.50	.72	
<b>Seu</b>	<b>ocorrência</b>	10	4	7	21
	<b>percentual</b>	18%	10%	8%	
	<b>peso</b>	.79	.50	.28	

Quanto aos pronomes de segunda pessoa foi observado, no *corpus*, que os informantes com menor grau de escolarização (primário) usam mais a forma *seu* (e flexões) enquanto que os informantes com o segundo grau completo (maior grau de escolarização) preferem a forma *teu* (e flexões) e que há total equilíbrio entre os informantes com o nível de escolarização ginásial e a escolha dos possessivos de segunda pessoa, apesar da distribuição do número de ocorrências e percentual.

Esse resultado pode indicar que a forma *teu* é de maior prestígio entre os informantes mais escolarizados.

E se compararmos os quadros anteriores (faixa etária, sexo e o grau de escolarização dos informantes) poderíamos concluir que a faixa etária mais jovem - informantes de até 50 anos, do sexo feminino com o maior grau de escolarização (segundo grau) prefere a forma *teu* como o pronome possessivo de segunda pessoa. Significa também que esta faixa é mais conservadora por conta de manter a forma *teu* - restrita a poucas regiões em se tratando de Brasil - Monteiro 1994: 219- e que provavelmente esta é a forma de maior prestígio entre os falantes mais jovens e mais escolarizados.

A segunda faixa etária - informante acima de 50 anos, do sexo masculino e com o menor grau de escolarização (primário) prefere a forma *seu* como pronome de segunda pessoa, forma mais inovadora, se consideramos a forma *seu*, como o fazem as gramáticas normativas, como pronome possessivo de terceira pessoa.

Quanto ao fator Grau de escolarização e os pronomes de terceira pessoa temos o seguinte resultado:

<b>QUADRO 6B – fator escolarização e os pronomes de terceira pessoa <i>seu/dele</i></b>					
<b>Escolarização do informante</b>		<b>Primário</b>	<b>Ginásio</b>	<b>Segundo grau</b>	<b>total</b>
<b>Dele</b>	<b>ocorrência</b>	347	326	342	1015
	<b>percentual</b>	96%	90%	92%	
	<b>peso</b>	.54	.46	.50	
<b>Seu</b>	<b>ocorrência</b>	14	35	30	79
	<b>percentual</b>	4%	10%	8%	
	<b>peso</b>	.46	.54	.50	

Quanto ao grau de escolarização do informante e a escolha entre as variantes *seu/dele* podemos fazer as seguintes observações: em relação à forma *dele* o peso revela que quanto menor a escolarização do informante maior é o peso atribuído ao uso dessa forma; com os informantes do nível ginásial há favorecimento para o uso da forma *seu*; mas essa tendência se neutraliza com os informantes do segundo grau.

Há equilíbrio na distribuição do peso entre os possessivos de terceira pessoa com os informantes mais escolarizados, ou seja, para a terceira pessoa se usa tanto o pronome *seu* quanto o *dele*.

Se compararmos os QUADROS 4,5 e 6 B (sexo, faixa etária e grau de escolarização) podemos observar que os informantes do sexo feminino da primeira faixa etária com o menor grau de escolarização preferem o pronome *dele* como a forma de terceira pessoa; enquanto que os homens da segunda faixa etária com o segundo grau preferem a forma *seu*, confirmando a hipótese de que esta forma é a mais conservadora.

Em relação aos fatores lingüísticos identificação do referente, posição do pronome no SN e o valor semântico dos possessivos e os pronomes de segunda pessoa, podemos observar:

<b>QUADRO 7A – fator identificação do referente e os pronomes <i>seu/teu</i></b>				
<b>Identificação do referente</b>		<b>determinado</b>	<b>Indeterminado</b>	<b>total</b>
<b>Teu</b>	<b>ocorrência</b>	54	108	162
	<b>percentual</b>	79%	94%	
	<b>peso</b>	.30	.62	
<b>Seu</b>	<b>ocorrência</b>	14	7	21
	<b>percentual</b>	21%	6%	
	<b>peso</b>	.70	.38	

É interessante destacar o uso indeterminado do pronome *teu* (e flexões) no *corpus*. Em geral este pronome teve referentes genéricos e indeterminados. Enquanto que o possessivo *seu* foi usado mais freqüentemente em referências determinadas e específicas.

(100) O teatro ele te engrandece, sabe? Ele te ajuda muito na aí na TUA vida. (Irati, sexo masculino, faixa etária 1, segundo grau, entrevista 15, linha 313)

(101) Não no SEU caso eu já calculei que você não é daqui de Londrina. (Londrina, sexo masculino, faixa etária 2, primário, entrevista 19, linha 933).

Os possessivos *de você* (e flexões), *do senhor* (e flexões) tinham apenas referências específicas/determinadas.

(102) Se preparem, façam a vida DE VOCÊS, depois vocês daí estão preparados. (Pato Branco, sexo feminino, segunda faixa etária, segundo grau, entrevista 11, linha 703).

(103) Como é o nome DO SENHOR? (Londrina, sexo masculino, primeira faixa etária, ginásio, entrevista 15, linha 1223).

O quadro 7B nos mostra o resultado do fator identificação do referente pelo pronome de terceira pessoa:

QUADRO 7B – identificação do referente pelo pronome <i>seu/dele</i>				
Referentes		determinado	indeterminado	total
Dele	ocorrência	955	60	1015
	percentual	98%	52%	
	peso	.60	.03	
Seu	ocorrência	24	55	79
	percentual	2%	48%	
	peso	.40	.97	

Este resultado corrobora, em relação à identificação do referente do possessivo, o resultado de Müller (1997), ou seja, o pronome *dele* teve

referentes, em geral, específicos e determinados enquanto que o possessivo *seu* referentes, em sua maioria absoluta, genéricos e indeterminados.

Müller concluiu pela especialização de cada um desses pronomes *seu/dele* em relação ao referente retomado. O pronome *dele* (e flexões) tenderia à retomada de antecedentes referenciais – referentes específicos; *seu* (e flexões) à retomada de antecedentes não-referenciais – genéricos e quantitativos.

Exemplos da identificação do referente dos possessivos de terceira pessoa:

*Dele* em referência específica

(104) Eu trabalhei quatro meses no escritório, daí eu fui convidado pra trabalhar na oficina mecânica eu já no início já, eu conhecia a oficina mecânica **DELES**, eu já interessei em trabalhar na oficina. (Irati, sexo masculino, faixa etária 1, segundo grau, entrevista 16, linha 748).

*Seu* em referência genérica:

(105) "então eu me criei assim, tipo a mulher foi feita pra ir se preparando pra ter **SUA** casa, **SUA** família, saber cozinhar, lavar, passar."(Irati, sexo feminino, faixa etária 1, ginásio, entrevista 6, linha 32)

*Seu* em referência específica:

(106) Não sei se o Oscar ainda é vivo, ele mudou pra Maringá e tem dado a **SUA** contribuição lá. (Irati, sexo feminino, faixa etária 2, ginásio, entrevista 11, linha 820).

Em relação à posição do pronome no SN temos o seguinte resultado:

Quadro 8A – fator posição do pronome <i>seu/teu</i> no SN				
Posição do pronome no SN <sup>72</sup>		d	s	Total
Teu	ocorrência	114	48	162
	percentual	86%	96%	
	peso	.42	.71	
Seu	ocorrência	19	2	21
	percentual	14%	4%	
	peso	.58	.29	

Em relação às estruturas do pronome no SN podemos observar que no *corpus* o pronome possessivo *teu* apresentou maior número de ocorrências precedido de artigo, em números de ocorrência, enquanto que *seu* ocorreu um maior número de vezes sem o artigo.

O pronome possessivo (*teu/seu*) poucas vezes variou o posicionamento (posposto ou anteposto) em relação ao substantivo. Anteposto ocorreram em duas estruturas bem similares do SN a estrutura **d\*** e a estrutura **s**: a diferença entre elas é a presença naquela de um artigo precedendo o pronome possessivo e a ausência nesta desse artigo.

Estrutura **d** = artigo definido + pronome possessivo + substantivo + (adjetivo)

(107) Ali eles vão receber os seus estudos, né? Conforme a **SUA** idade. (Pato Branco, sexo feminino, faixa etária 2).

<sup>72</sup> Somente estas estruturas do SN **d** e **s** não caracterizaram nocaute na rodada com a variante dependente *seu/teu* e a posição que estes ocupavam no SN. **D\*** = artigo definido + pronome possessivo + substantivo (adjetivo); **S** = Pronome possessivo + substantivo + (adjetivo substantivado); as demais estruturas caracterizaram nocaute com os pronomes *seu/teu*.

(108) Como falo, você até perder ali quinze, vinte minutos catando, procurando as ervas, fervendo, mas eu acho que se ele ficar curado, ficar bom, a recompensa pra você é muito melhor do que você pegar cinco reais na **TUA** mão.

Estrutura **s** = pronome possessivo + substantivo + (adjetivo substantivado)

(109)...Compro **SEU** terreno...(Curitiba, sexo feminino, *faixa etária 1*)

(110)...eu não, **TEU** pai não está aí...(Irati, sexo feminino, *faixa etária 1*)

**TEU** e **SEU** (e flexões) ocorreram pospostos<sup>73</sup> ao substantivo no *corpus* dessa pesquisa nas estruturas **f\***, **m** e **g**.

Estrutura **f\*** = artigo definido + substantivo + pronome possessivo

(111) É um carro de pobre, sabe? Estraga uma peça ela vai, estoura o **partidor TEU**, você pode andar com partidor estragado, estoura um partidor de um gol, não dá pra você andar que você capota ele, é um carro mais rápido, um carro que você – é – na curva ele não obedece, você capota ele por causa do partidor, e fusca não, o Fusca vai embora, vai no barro, como vai na estrada boa, como no asfalto, vai em qualquer lugar, então, ele tem fama, sabe? É um dos melhores carros que é considerado pela região aqui. (Irati, sexo masculino, faixa etária 1, primário, entrevista 13, linha 1636).

Estrutura **m** = pronome demonstrativo + substantivo + pronome possessivo

(112) Que você já tem **aquele nível TEU** de como levar a sua vida, mas eles lá, eles dão aquelas matérias de como você deve ver isso. (Curitiba, sexo feminino, segunda faixa etária, ginásio, entrevista 4, linha 480).

Estrutura **g** = artigo indefinido + (adjetivo) substantivo + pronome possessivo

<sup>73</sup> Estas estruturas caracterizaram nocaute com os pronomes *seu/teu* por conta do pequeno número de ocorrências delas no *corpus* com os pronomes de segunda pessoa.

(113) Preciso que um outro pegue mais **um companheiro TEU** aí e me ponha essa bigorna aqui em cima do caminhão e vamos lá em cima que eu quero pesar essa bigorna. (Curitiba, sexo masculino, segunda faixa etária, segundo grau, entrevista 17 linha 1150)

Pronome possessivo *seu* na:

Estrutura **f\*** = artigo definido + substantivo + pronome possessivo

(114) Dependendo da **família SUA** você não consegue sobreviver. (Londrina, sexo masculino, primeira faixa etária, primário, entrevista 13, linha 49).

Estrutura **m** = pronome demonstrativo + substantivo + pronome possessivo

(115) **Esse erro SEU** vai alterar a minha prótese em algum, né? (Irati, sexo feminino, segunda faixa etária, segundo grau, entrevista 12, linha 1542).

(116) Se você vai me vender negócio direto da fábrica, você não vai se limitar a só botar **aquela margem SUA** de dez, quinze por cento do lucro que seja. (Londrina, sexo masculino, primeira faixa etária, segundo grau, entrevista, 18 linha 960).

Estrutura **g** = artigo indefinido + (adjetivo) substantivo + pronome possessivo

(117) Eu vou pegar **uma mudança SUA** em Curitiba, em São Paulo, eu boto os meus conhecimentos, está tudo aqui, porque eu não driblo ninguém, eu não driblo o estado. (Londrina, sexo masculino, segunda faixa etária, ginásio, entrevista 21, linha 1475)

Em relação aos pronomes possessivos de terceira pessoa e a posição deles no SN, o quadro 8B nos mostra:

QUADRO 8B - <i>seu/dele</i> e a posição no SN					
Estrutura <sup>74</sup>		(f)	(m)	(z)	total
Dele	Ocorrência	952	30	30	1012
	Percentual	100%	97%	97%	
	peso	.68	.15	.11	
Seu	Ocorrência	2	1	1	4
	Percentual	0%	3%	3%	
	peso	.32	.85	.89	

Reproduzo abaixo, antes de analisar o quadro (8B) as estruturas presentes no *corpus* da pesquisa que não caracterizaram nocaute<sup>75</sup> com os pronomes de terceira pessoa:

**f\***<sup>76</sup> artigo definido + substantivo + pronome possessivo.

**m** pronome demonstrativo + substantivo + (adjetivo) + pronome possessivo.

**z** pronome substantivado.

O pronome *dele* sempre é posposto em relação ao substantivo, *seu* ocorreu quase sempre em posição anteposta ao substantivo, poucas foram as ocorrências à direita do substantivo (quatro ocorrências). Por conta disso as ocorrências que não caracterizaram nocaute, quando da quantificação dos dados, são aquelas em que ambos os pronomes poderiam ocorrer, em tese, isto é, o *seu* deveria ocorrer posposto ao substantivo, visto que *dele* nunca ocorre em outra posição por conta da preposição.

<sup>74</sup> As demais estruturas caracterizaram nocaute com os pronomes de terceira pessoa.

<sup>75</sup> Não houve, no *corpus*, distribuição significativa, nestas estruturas, dos pronomes de terceira pessoa *seu/dele* de forma a ser possível quantificar essas ocorrências.

<sup>76</sup> O asterisco (\*) significa que foram incluídos, neste casos, as ocorrências em que o núcleo do Sintagma Nominal (SN) era zero (oculto). A classe gramatical entre parênteses no interior das estruturas significa que ela pode ou ter ocorrido nessa estrutura.

Somente estas três estruturas **f**, **m** e **z** representam as condições acima e, por isso, não caracterizaram nocaute para com os pronomes de terceira pessoa *seu/dele*. Mas não nos informam nada, além da especificidade das posições desses pronomes.

O português dispõe de duas possibilidades para a colocação do possessivo: ou este é *posposto* ou *anteposto* ao substantivo que determina:

(118) Já devia concordar, né? Aceitar que a pessoa já fez por merecer esse dinheiro **DELES**, né? (Londrina, sexo feminino, *faixa etária 1*)

(119) É necessário a oração para que você não se perca às vezes do **TEU** ideal, né? acabamos até se corrompendo. (Londrina, sexo feminino, *faixa etária 1*)

Sobre a posição do pronome possessivo em relação ao substantivo no sintagma nominal BORGES NETO (1986, *apud* MONTEIRO, 1994:214) faz as seguintes considerações:

Trata-se, pois, de mais um fenômeno de variação e sua compreensão não é nada simples. BORGES NETO (1986) formulou a hipótese de que a posição do possessivo se vincula a uma utilização referencial ou atributiva do SN. Se diz a frase espero a tua carta, existe a pressuposição de que há uma carta para vir e o falante sabe disso. Se, porém, o possessivo é proferido após o substantivo (espero carta tua), isto indica que ainda não há, ou o falante ignora que haja, uma determinada carta para chegar

Acredito, assim como MONTEIRO (1994: 215), que a explicação de BORGES vale para a maioria dos enunciados, mas não acredito que ela possa ser tida como a única distinção semântica capaz de regular a posição dos possessivos. O valor atributivo está presente, por exemplo, nas ocorrências abaixo, apesar da posposição:

(120) O outro filho **DELE**, porque plantava um pé de fruta lá, tem o direito, no fim não é o homem que está te levando mais na lei, é a família inteira que te leva na lei. (Londrina, sexo masculino, *faixa etária 2*)

(121) De imposto, qualquer talão de imposto e uma identidade **TUA**, no meio ambiente, aí eles te fornecem, né? Essa autorização pra você derrubar. (Curitiba, sexo masculino, faixa etária 2)

(122) Preciso que um outro pegue mais um companheiro **TEU** aí e me ponha essa bigorna aqui em cima do caminhão e vamos lá em cima que eu quero pesar essa bigorna. (Curitiba, sexo masculino, faixa etária 1, ginásio, entrevista 17, linha 1150).

Talvez sejam necessárias novas interpretações. E uma delas seja a de que certas condições estruturais agiriam no sentido de deslocar o possessivo para a direita do substantivo. Assim notamos, apesar de poucas ocorrências, a presença dos pronomes indefinidos, sobretudo o *um(a)* e dos demonstrativos favorecendo este deslocamento.

(123) Que você já tem aquele nível **TEU** de como levar a sua vida, mas eles lá, eles dão aquela matéria de como você deve ver isso. (Curitiba, sexo feminino, faixa etária 2, segundo grau, entrevista 4, linha 480)

(124) Daí ela fala com a outra irmã **DELA** e daí mais uma outra menina do serviço e a gente sai. (Curitiba, sexo feminino, faixa etária 2, entrevista 2, linha 275)

CUNHA & CINTRA (1985: p. 331-312) sobre a posição do pronome possessivo no SN dizem:

O pronome adjetivo possessivo precede normalmente o substantivo que determina, como nos mostram os exemplos até aqui citados. Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo:

1° Quando este vem desacompanhado do artigo definido:

Esperava **notícias tuas** para de novo te escrever.

2° Quando o substantivo já está determinado (pelo artigo indefinido ou por numeral, por pronome demonstrativo ou por indefinido)

Recebi, no Rio, no dia da posse no Instituto, **um telegrama seu**, de felicitações.

3° Nas interrogativas diretas:

Onde estais, **cuidados meus**?

4º Quando há ênfase:

Ninguém, **senhores meus**, que empreenda uma jornada extraordinária, primeiro que meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças, por saber se o levarão ao cabo.

A alternância de colocações presta-se a efeitos estilísticos, como nos mostra este exemplo:

És **meu** único **desejo**,  
Ah! Fosse o **desejo teu**! (exemplos e grifos dos autores)

As observações de Monteiro (1994) em relação à posição dos possessivos vão ao encontro das de Cunha & Cintra.

Não há, tendo em vista as ocorrências do *corpus* desta pesquisa, no caso do substantivo está determinado por artigo indefinido, escolha quanto à colocação do possessivo em relação ao substantivo que determina, sem que esta escolha altere o significado. Já em relação aos demonstrativos e pronomes indefinidos é possível ainda a anteposição (desde que o pronome não seja preposicionado) sem alteração do sentido.

A variante *de você* (e flexões) também só ocorreu no *corpus* em posição posposta ao substantivo (já que é precedida de preposição). 11 vezes: nas estruturas **v\*** e **f\***.

Na estrutura **f\*** = artigo definido + substantivo + pronome possessivo:

(125) Eu não vou mostrar pra vocês hoje a carta, mas eu quero o endereço **DE VOCÊS**, eu vou mostrar depois a carta que eu mandei pra ele. (Irati, sexo feminino, faixa etária 2, ginásio, entrevista 12, linha 1542).

Na estrutura **V\*** = substantivo + pronome possessivo

(126) Ai eles compraram até esse microfone sem fio, sabe? Que tinha problema **DE VOCÊS** faziam o teatro. (Irati, sexo masculino, faixa etária 1, primário, entrevista 13, linha 335).

Quanto ao fator *valor semântico do possessivos* pudemos verificar nos quadros 9A e 9B:

QUADRO 9A – valor semântico do possessivo e os pronomes de segunda pessoa <i>seu/teu</i>						
Valor dos possessivos <sup>77</sup>		Parentesco	Posse temporária	Inalienável	Características psicológicas e pessoais	total
Teu	Ocorrência	38	92	19	13	162
	Percentual	90%	89%	95%	72%	
	Peso	.60	.48	.69	.19	
Seu	Ocorrência	4	11	1	5	21
	Percentual	10%	11%	5%	28%	
	Peso	.44	.50	.33	.79	

A partir da verificação de SILVA (1982) para com os pronomes de terceira pessoa em relação ao valor do possessivo, a autora constatou que o pronome possessivo *dele* (e flexões) era favorecido pelo fator + **animado** e menos favorecido pelo fator - **animado**, enquanto que o pronome possessivo *seu* era favorecido pelos fatores + **animado** e - **animado**, procuramos observar se outros aspectos estariam condicionando o uso desses pronomes.

Não utilizamos o fator usado por SILVA ( $\pm$  animado) por entender que talvez outros fatores pudessem também estar condicionando o uso dos

<sup>77</sup> Os demais grupos caracterizaram nocaute com os pronomes em questão.

possessivos, então procuramos observar que relação era expressa entre o *possuidor* e o *possuído*<sup>78</sup>.

Podemos observar como resultado relevante, com base no QUADRO 9A, quanto ao valor semântico dos possessivos no SN e os pronomes de segunda pessoa o fato do pronome *seu* (e flexões) ter peso bastante significativo, apesar de poucas ocorrências<sup>79</sup>, na relação em que o referente era uma *característica psicológica/física* do *possuidor*.

(127) Bem mais puxado que o **SEU**, mas você tem um jeitinho de Rio de Janeiro. (Londrina, sexo feminino, primeira faixa etária, segundo grau, entrevista 6, linha 1285 - Característica psicológica ou física). (O informante está se referindo ao **jeito** de falar da entrevistadora)

(128) Deve ser conhecido, não deve – deve ser dentro da cidade, né? Mas no **SEU JEITO** eu sabia que...(Londrina, sexo masculino, segunda faixa etária, primário, entrevista 19, linha 937 - Característica psicológica ou física).

Com o pronome *teu* (e flexões) as relações com peso relevante foram as que o pronome se referia *as partes do corpo do possuidor* (posse inalienável).

(129) Você já sai dali com o papel na **TUA MÃO**, que é a câmara a, que você tem que entrar. (Curitiba, sexo feminino, segunda faixa etária, ginásio, entrevista 4, linha 1385 - Posse inalienável)

(130) Você lava bem o **TEU CABELO** e tudo. (Curitiba, sexo feminino, segunda faixa etária, primário, entrevista 14, linha 473 - Posse inalienável).

Outra relação com peso relevante .60 para com o pronome *teu* (e flexões) foi o que chamamos de *relação de Parentesco*, confirmada pelo número de ocorrências e percentual.

<sup>78</sup> Ver, no capítulo Revisão da Literatura, “O valor semântico dos Possessivos”.

<sup>79</sup> É sempre bom lembrar o fato de que o programa estabelece as condições mais significativas para que as variantes ocorram, isto significa dizer que nem sempre o maior número de ocorrências vai corresponder ao maior peso.

(131) Para começar, você vê, lá embaixo, na nossa rua onde mora a **TUA TIA**, né? Que você falou, todo mundo, a gente sabe assim, que é proprietário. (Curitiba, sexo feminino, primeira faixa etária, primário, entrevista 10, linha 428 - Parentesco).

(132) Você vê, então não adianta você trabalhar, você sofrer pra você dar estudo pros **TEUS FILHOS**, né? (Curitiba, sexo feminino, primeira faixa etária, primário, entrevista 8, linha 29 - Parentesco).

No quadro 9B apresento o valor semântico dos possessivos e os pronomes de terceira pessoa *seu/dele*.

QUADRO 9B – valor semântico do possessivo e os pronomes de terceira pessoa <i>seu/dele</i>									
Valor <sup>80</sup>		4	5	!	9	7	6	*	total
dele	Ocor.	65	475	83	42	243	69	26	1003
	Perc.	94%	92%	93%	89%	95%	95%	81%	
	Peso	.50	.57	.63	.51	.29	.69	.23	
seu	Ocor.	4	40	6	5	13	4	6	78
	Perc.	6%	8%	7%	11%	5%	5%	19%	
	Peso	.50	.43	.37	.49	.71	.31	.77	

4 para posse inalienável, 5 para posse temporária, 6 para Pertencimento, 7 para Parentesco, 9 para Relacionamento, \* para atribuição e ! para características psicológicas e físicas

Com o pronome *dele* (e flexões) temos, com peso relevante, os grupos *Pertencimento* e *Características psicológicas e físicas*, 6 e ! respectivamente e um certo favorecimento de uso para com o grupo 5 denominado *Posse Temporária*.

<sup>80</sup> Os demais grupos caracterizaram nocaute com os pronomes de terceira pessoa.

(133) Níquei Clube é o nome da **SOCIEDADE DELE**. (Curitiba, sexo feminino, primeira faixa etária, primário, entrevista 8, linha 617 - Pertencimento)

(134) Ele vai todo dia, se termina o expediente, **O EXPEDIENTE DELE** é das nove às cinco. (Curitiba, sexo feminino, primeira faixa etária, segundo grau, entrevista 18, linha 303- Pertencimento).

(135) Porque as outras, tanto que esse ano teve jantar do Lyons, tudo, e essas meninas que são hoje as rainhas, a rainha e as princesas, elas não foram convidadas, pela **ANTIPATIA DELAS**. (Irati, sexo feminino, primeira faixa etária, ginásio, entrevista 3, linha 529 - Característica psicológica ou física).

(136) Quando eu vejo tá feito lá em cima da mesa do **JEITO DELA**, e cadê ela, sumiu. (Londrina, sexo feminino, primeira faixa etária, ginásio, entrevista 4, linha 1304 - Característica psicológica ou física)

(137) Ele caiu de bicicleta e teve traumatismo craniano, daí ficou meio com dificuldade para conseguir trabalho, né? Daí veio pra cá e agora eles têm A **OFICINA DELES** junto aí. (Pato Branco, sexo feminino, primeira faixa etária, ginásio, entrevista 4, linha 221 - Posse temporária).

(138) E depois voltar para cá de novo, construir a **CASINHA DELA**. (Londrina, sexo feminino, primeira faixa etária, segundo grau, entrevista 5, linha 75 - Posse temporária).

Para com o pronome *seu* (e flexões) temos, com peso relevante, apesar do pequeno número de ocorrências, os grupos **Parentesco** (peso .71) e **Atribuição**<sup>81</sup> (peso .77), codificados com 7 e \*, respectivamente.

(139) O pai ou a mãe mesmo que gosta dos **SEUS FILHOS**, que passa isso? (Londrina, sexo masculino, primeira faixa etária, ginásio, entrevista 15, linha 1176 - Parentesco)

(140) Inclusive eu acho que **SUA MÃE** morava na casa do meu pai, que a casa era alugada pros parentes da sua mãe. (Curitiba, sexo masculino, primeira faixa etária, primário, entrevista 1, linha 813 - Parentesco).

(141) Não é como a gente vê aí, eu acho que é claro que não vai se comparar nunca, mas um Batel, o Juvevê, né? Esses são bairros que têm o **SEU ESQUEMA** de até aquela vida noturna do bairro, né? (Curitiba, sexo masculino, primeira faixa etária, segundo grau, entrevista 5, linha 919 - Atribuição)

<sup>81</sup> Verificar as definições para cada Grupo em relação ao valor do Possessivo na página 62.

(142) Que o meu marido foi um homem que viajou muito, ele tinha o trabalho dele sempre fora, não era um homem que ficava sempre junto comigo por causa dos filhos, porque também tinha **SUAS OBRIGAÇÕES** fora, né? do lar, fora inclusive fora da cidade, né? ele sempre trabalhou fora. (Irati, sexo feminino, segunda faixa etária, ginásio, entrevista 9, linha 332 - Atribuição)

Seriam, então, estas as situações (em se tratando do valor semântico dos possessivos) que estariam favorecendo as ocorrências dos pronomes de terceira pessoa *seu/dele*, no *corpus* utilizado para este pesquisa.

#### **4.1. SÍNTESE DOS RESULTADOS**

De acordo com o objetivo do trabalho, verificar as ocorrências, na língua oral, em quatro cidades do Paraná, dos pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas, observando os fatores lingüísticos (posição que o pronome possessivo ocupa no SN, a identificação do referente do pronome possessivo e o valor semântico dos possessivos) e fatores extralingüísticos (sexo, faixa etária, escolarização e etnia dos informantes) podemos observar que:

Em relação aos fatores sociais (localidade - ou etnia, sexo, faixa etária e grau de escolarização dos informantes) e os pronomes de segunda pessoa podemos observar que a colonização das cidades de Pato Branco e Londrina (gaúcho-catarinense e mineiro-paulista respectivamente) influencia, de alguma forma, quando da escolha dos possessivos *teu/seu*. Quanto a Curitiba há certo favorecimento para que ocorra o uso da forma *seu*, se ocorrerem as condições previstas pelo programa como **significativas**; em Irati o peso atribuído ao pronome *teu* é respaldado pelo número de ocorrências. Esse peso nos revela, então, que esta cidade pode ser considerada uma zona conservadora, tendo em vista a restrição deste pronome a apenas algumas regiões, em termos de Brasil.

Quanto ao sexo, faixa etária e grau de escolarização podemos concluir que a primeira faixa etária do sexo feminino e com o maior grau de escolarização prefere a forma *teu* enquanto que os informantes da segunda faixa etária do sexo masculino e com o menor grau de escolarização preferem a forma *seu*.

Quanto aos fatores lingüísticos (identificação do referente, posição do pronome no SN e o valor semântico do possessivo) observamos, no *corpus*, que o possessivo *teu* (e flexões) geralmente foi usado de forma

indeterminada/genérica, enquanto que o pronome possessivo *seu* foi usado de forma determinada/específica; em relação à posição do pronome no sintagma nominal, verificamos que o pronome *teu* foi mais utilizado precedido de artigo que o possessivo *seu* e que ambos ocorreram, quase que de maneira geral, em posição anteposta ao substantivo.

Em relação ao valor semântico do possessivo foi constatado que com o pronome possessivo *teu* há favorecimento para com aquelas ocorrências em que este pronome se refere às *partes do corpo* (posse inalienável) do *possuidor* e também há favorecimento para que ele ocorra em referência a *relação de parentesco* entre o *possuído* e o *possuidor*.

Com o possessivo *seu* (e flexões), a análise das ocorrências revelou, que os referentes relacionados às *características psicológicas/físicas* do *possuído* era um ambiente favorável para que este pronome fosse utilizado.

Quanto aos pronomes de terceira pessoa e os fatores lingüísticos (localidade, sexo, faixa etária e grau de escolarização dos informantes) foi possível observar que em Londrina o pronome *dele*, além de apresentar o maior número de ocorrências, apresentou também o maior peso. Nas cidades de Curitiba e Irati o pronome *seu* é o pronome com maior peso, apesar do número inferior de ocorrências em relação ao pronome *dele*, por conta da possibilidade das condições *significativas* ocorrerem com este pronome; na cidade de Pato Branco há equilíbrio quanto à distribuição das duas variantes.

Quanto a faixa etária, sexo e o grau de escolarização do informante podemos dizer que a **primeira faixa etária** (informantes de até 50 anos) do **sexo feminino** com o menor grau de escolarização (**primário**) usa mais a forma *dele* (e flexões) enquanto que a **segunda faixa etária** do **sexo masculino** com formação **ginasial** usa mais o pronome *seu* (e flexões) para a terceira pessoa.

Em relação aos fatores lingüísticos (identificação do referente, posição do pronome no sintagma nominal e valor semântico do possessivo) é possível afirmar, com base no *corpus: dele* (e flexões) ocorreu, mais freqüentemente, com referentes determinados/específicos enquanto que *seu* (e flexões) ocorreu, com peso .97, com referentes indeterminados/genéricos.

Em relação à posição desses pronomes no SN seria importante retomar que o pronome *seu* (e flexões) ocorreu, quase sempre, anteposto ao substantivo, poucas foram as ocorrências pospostas, dentre estas às precedidas de **pronomes indefinidos**, sobretudo o **um(a)**, e os **pronomes demonstrativos**; *dele* sempre ocorre, por conta da preposição, em posição posposta ao substantivo.

Quanto ao valor semântico do possessivo e os pronomes de terceira pessoa podemos observar que com o pronome *dele* houve, no *corpus*, favorecimento para que este pronome ocorresse quando o *possuído* fosse um *grupo/associação - Pertencimento* - da qual o *possuidor* fizesse parte; também há favorecimento, com este pronome, quando o *possuído* era uma *característica psicológica/física* do *possuidor* (raiva, beleza *dele*); com o pronome *dele* houve favorecimento ainda quando o *possuidor* detinha o poder sobre a coisa *possuída*, com o grupo ao qual denominamos *Posse Temporária*.

Quanto ao *seu* (e flexões) pudemos observar que quando ao *possuidor* algo era atribuído como sendo próprio dele, ou quando o *possuído* tinha uma relação de *Parentesco* com o *possuidor*, estes eram os ambientes que favoreciam o uso deste pronome.

## SÍNTESE DAS OCORRÊNCIAS:

<b>OS PRONOMES DE 2ª PESSOA E OS AMBIENTES MAIS FAVORÁVEIS</b>		
	<b>TEU</b>	<b>SEU (2ª)</b>
Colonização	Irati .77- Pato Branco .82	Curitiba .59 - Londrina .84
<b>Faixa etária</b>	1ª faixa .62	2ª faixa .70
<b>Sexo</b>	Feminino .52	Masculino .52
<b>Escolaridade</b>	segundo grau .72	Primário .79
<b>Referente</b>	Indeterminado .62	Determinado .70
<b>Posição no SN</b>	Geralmente anteposto, quando posposto precedido de pronome/artigo indefinido e demonstrativo.	Geralmente anteposto, quando posposto precedido de pronome/artigo indefinido e demonstrativo.
<b>Valor semântico</b>	grupos: parentesco .60 e inalienável .69	grupos: características psicológicas e pessoais .79

<b>OS PRONOMES DE 3ª PESSOA E OS AMBIENTES MAIS FAVORÁVEIS</b>		
	<b>DELE</b>	<b>SEU (3ª)</b>
Colonização	Londrina .64	Curitiba .57 - Irati .57
<b>Faixa etária</b>	1ª faixa .55	2ª faixa .57
<b>Sexo</b>	Feminino .57	Masculino .60
<b>Escolaridade</b>	Primário .54	Ginásio .54
<b>Referente</b>	Determinado .60	Indeterminado .97
<b>Posição no SN</b>	sempre posposto, por conta da preposição.	geralmente anteposto, quando posposto (4 ocorrências) precedido de pronome/artigo indefinido e pronome demonstrativo.
<b>Valor semântico</b>	grupos: pertencimento .69; características psicológicas e pessoais .63; posse temporária .57.	grupos: atribuição .77 e parentesco .71.

## **5. CONCLUSÃO**

É importante que a descrição do português oral se faça presente e esses resultados então contribuam como referência no ensino de língua portuguesa. Temos, quase que de forma generalizada, a GN como a única referência utilizada para o ensino de língua, nas escolas, e essa referência, mesmo sabendo que diz respeito à modalidade escrita da língua, deixa de lado alguns aspectos relevantes para o ensino da língua materna.

São muitas as constatações de mudanças e variação na utilização de muitos aspectos da gramática da língua oral e portanto esse estudo, o que realizei, é importante na medida em que os resultados corroboram outros resultados de trabalhos variacionistas, e conseqüentemente aponta alguns caminhos os quais tentam elucidar aspectos que permeiam o uso, no caso deste trabalho, dos possessivos de segunda e terceira pessoas na língua oral do português contemporâneo do Brasil.

É importante também observar que o modelo de análise utilizado a **Sociolingüística Variacionista** possibilita, de maneira eficiente, quando for o caso, observar as mudanças que ocorrem na língua: justamente porque este modelo atribui grande importância à *presença do componente social*. Portanto as mudanças ocorridas no sistema não estão desvinculadas dos aspectos extralingüísticos, ao contrário, para a sociolingüística a língua falada é um sistema heterogêneo, que evolui, o qual sempre se relaciona com as variáveis sociais.

Dessa forma uma comunidade que fala, como um grupo de pessoas, não falam da mesma forma, apesar de compartilharem um conjunto de normas comuns à respeito da linguagem e este modelo de análise é, como já disse, capaz de, eficientemente, possibilitar constatações concretas de mudanças/ou não em relação à língua.

A análise que fizemos sobre os pronomes possessivos de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas revelou uma série de fatos que se relacionam entre si e que são resultantes de modificações que buscam dar nova ordem no sistema.

Por exemplo a introdução das formas *você*, *vocês*, quando usadas em vez de *tu*, *vós*, naturalmente torna desnecessárias as desinências /-s/ e /-des/, reduzindo-se as flexões número-pessoais a apenas duas ou três<sup>82</sup>.

Apesar da forma *de você* em referência a um só ouvinte ter ocorrido muito pouco, e da forma *de você(s)*, ainda que um pouco mais presente no *corpus*, mas em número bastante reduzido, a análise revela que estas formas, sobretudo a no plural, começam a ser usadas.

O número de ocorrências do pronome possessivo *teu* em comparação ao número de ocorrências do pronome possessivo *seu* 2.<sup>a</sup> pessoa, nos revela que aquele pronome, em números absolutos, é o pronome mais presente em referência a segunda pessoa, no *corpus* do Paraná.

Quanto ao uso do pronome possessivo *seu* foi possível verificar que as ocorrências com referência à terceira pessoa foram bastante superiores às ocorrências em referência a segunda pessoa, no *corpus*.

Em relação ao número de ocorrências das formas *seu* 3.<sup>a</sup> pessoa e *dele*, é possível afirmar que este pronome é o pronome de terceira pessoa em detrimento de *seu*. *Dele*, e as respectivas flexões, foi bastante utilizado quando o referente era determinado e específico enquanto que *seu*, de forma geral, tinha referência genérica e indeterminada.

Em relação ao valor semântico dos possessivos, a análise nos revelou que alguns ambientes eram favoráveis para que os pronomes ocorressem. Os ambientes mais favoráveis foram: para com o pronome *teu* aqueles em que a relação entre o *possuído* e o *possuidor* fazia referência às partes do corpo; com o pronome *seu* 2.<sup>a</sup> pessoa, o ambiente mais favorável era aquele

---

<sup>82</sup> Esse aspecto não foi abordado nesta pesquisa, mas foi possível, a partir da observação dos fatos, verificá-lo.

em que o *possuído* era uma *característica psicológica ou física do possuidor*; com o pronome *seu* 3.<sup>a</sup> pessoa o ambiente mais favorável era aquele em que o possuído era uma *relação de parentesco do possuidor*; e com o pronome *dele*, o ambiente mais favorável era aquele em que a relação entre *possuído* e *possuidor* era a denominamos como sendo a *verdadeira relação de posse*, ou seja, alguém detinha o poder sobre a coisa possuída.

É de cautela não oferecer conclusão definitiva a respeito dos assuntos aqui tratados. A instabilidade do sistema dos pronomes possessivos pode trazer sérios enganos a quem deseja interpretá-lo causando dificuldades de toda a ordem. Isso quer dizer que tudo o que explicitamos pode ter caráter provisório, resultado do olhar que ora temos da realidade lingüística do português falado nas cidades pertencentes ao *corpus* do Estado do Paraná.

## **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BARKER, Chris. (1961). **Possessive descriptions**. Stanford: Center for the Study of Language and Information.
- BECHARA, Evanildo.(1992). **Moderna Gramática Portuguesa**. 3 ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional.
- BORGES NETO, José (1985/86). **Os possessivos como indicadores de referência e atribuição**. Revista Delta. São Paulo, 2 (1): 145-9.
- BUSETTO, Cássio Gustavo.(1996). **A variação no uso de pronomes possessivos de segunda pessoa na fala da cidade de Curitiba**. Fragmenta, 13: 9-18. Curitiba: Editora da UFPR.
- CARVALHO, José Augusto. (1991). **Conceito de Pronome - os pronomes pessoais**. Revista Internacional de Língua Portuguesa. Lisboa.
- CASTILHO, A & D. PRETI .(1986) **A linguagem falada Culta na Cidade de São Paulo: Elocuções Formais**, vol 1. SP: Queirós/FAPESP.
- CERQUEIRA, Vicente C. (1996). A forma genitiva “dele” e a categoria de concordância (AGR) no português do Brasil. In: **Português Brasileiro uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. (1985) **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, Celso. (1997). Pronomes. In: - **Minigramática. Gramática Eletrônica**. Rio de Janeiro: Lexikon Informática LTDA.
- DUBOIS, Jean. (1991). **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix.
- DU BOIS, John W. (1985). **Competing motivations**. In: HAIMAN, John. Iconicity in syntax. Amsterdã, John Benjtiming.

- GARCIA, Othon M. (1992). **Comunicação em Prosa Moderna**. 15 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- KATO, Mary A. (1985). **A complexidade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini**. Revista D.E.L.T.A., 1/2: 107-120 São Paulo: EDUC.
- LABOV, W. (1975). **On the use of the present to explain the past**. In: HEILMANN, L. (Ed) proceedings of the 11th International Congress of Linguistics. Bologna, II Mulino.
- (1983) **Modelos Sociolingüísticos**. Madrid: Cátedra.
- LOBO, Major Ari Maurell. (1939). **Cânones Gramaticais e Estilísticos para bem escrever a língua nacional (aplicação do método estatístico aos fatos da linguagem Luso-Brasileira)**. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger.
- MATTOS & SILVA, R. V. (1989) **Estruturas trecentistas**. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MENON, Odete Pereira da Silva. (1985). **O sistema pronominal do Português do Brasil**. Revista Letras. Curitiba: Editora da UFPR.
- , (1995). **Reestruturação do sistema possessivo em português**. Anais do VIII Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná (Curitiba, 1994). Umuarama, Paraná, UNIPAR/FAFIU, p. 334-338.
- , (1996). **Variação e mudança: o papel dos condicionamentos lingüísticos**. Fragmenta, 13: 89-114. Curitiba: Editora da UFPR.
- , (1998) **O Sistema pronominal na Região sul**. Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL. p. 510-512.
- MONTEIRO, José Lemos. (1994). **Pronomes Pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC.

- MÜLLER, Ana Lúcia de Paula. (1997) **A gramática das formas possessivas no Português do Brasil**. Unicamp. Tese de doutorado inédita.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati & MÜLLER, Ana Lúcia. (1996). **As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas?** D.E.L.T.A. vol. 12 n.º 1 125-152: Curitiba.
- NEVES, Maria Helena de Moura. (1993). Possessivos. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do Português falado. Volume III: As abordagens**. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. (1948). **Gramática Expositiva – curso superior**. 73 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- PERINI, Mário A. (1985). **O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional**. Revista D.E.L.T.A., 1/2: 1-16. São Paulo: EDUC.
- (1995). **Gramática descritiva do Português**. São Paulo: Ática.
- SACCONI, Luiz Antonio. (1986). **Nossa Gramática: teoria e prática**. São Paulo: Editora Atual.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1969). **Curso de Lingüística geral**. São Paulo: Cultrix.
- SAVIOLI, Francisco Platão. (1992). **Gramática em 44 lições**. São Paulo: Ática, 1992.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. (1993). **Introdução ao pacote estatístico VARBRUL para microcomputadores**. UFRJ/UnB, Brasília, mimeog.
- SILVA, Gisele Machline de Oliveira e. **Um caso de definitude**. Organon 18 90-108: Revista do Instituto de Letras da UFRS.

- (1982). **Estudos da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado, inédito.
- SILVA & SCHERRE, Gisele Machline de Oliveira e, Maria Marta Pereira. (1996) **Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômeno variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- TARALLO, Fernando. (1994). **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática.
- (org.) (1986). **Fotografias sociolingüísticas**. 2ª ed. São Paulo: Ática.
- (1994) **Tempos lingüísticos**. 2ª ed. São Paulo: Ática.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin I. (1968). **Empirical foundations for a theory of language change**. In LEHMANN, W. P. e MALKIEL, Yakov (eds). Directions for historical linguistics. Austin, p. 95-195.
- ZILLI, Giancarlo. (1996). **Sistema pronominal possessivo de terceira pessoa no português falado de Curitiba**. Fragmenta, 13: 123-133. Curitiba: Editora da UFPR.